

**Quando jogar se torna um risco: a relação entre características parentais, atitudes dos pais e dos filhos em relação ao jogo, e comportamentos de jogo em adolescentes**

Daniela Filipa Pereira Semanas

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Comunitária e Proteção de Menores

Orientadora:

Doutora Joana Alexandre, Professora Auxiliar, ISCTE-IUL

Outubro, 2014

*Agradecimentos,*

Este é de facto um espaço curto e limitado para que possa agradecer a todos aqueles que ao longo deste percurso me acompanharam direta ou indirectamente, mas que de alguma forma me ajudaram a ultrapassar mais esta etapa da minha vida. Assim sendo:

*À Professora Joana Alexandre,* expresso o meu profundo agradecimento por todo o apoio e dedicação. Muito Obrigado pelo profissionalismo e disponibilidade prestados;

*Aos meus pais,* por acreditarem sempre em mim e pelo amor e apoio incondicional;

*Ao Ruben,* um grande e especial agradecimento pela paciência e por todo o carinho. Obrigado por estares sempre presente;

*Á Associação Vitae,* por toda a tolerância e confiança;

*À Vanda e ao Zé,* pela ajuda, apoio, partilha e amizade que me deram;

Por último, quero agradecer à minha família, por todos os ensinamentos de vida, por me valorizarem, por acreditarem em mim e por serem o meu porto de abrigo.

## Resumo

O jogo tem-se tornado uma atividade cada vez mais usual entre os adolescentes. Apesar das suas vantagens em termos de desenvolvimento cognitivo e psicossocial, a literatura tem apontado um conjunto de variáveis que conduzem a um entendimento do jogo como um comportamento de risco. O presente estudo pretendeu analisar, a relação existente entre a frequência de jogo (a dinheiro e por entretenimento) de pais e filhos e as seguintes variáveis: percepções, de pais e de filhos, em relação à qualidade da relação pais-filhos, estilos e práticas parentais, percepção dos filhos sobre estilos e práticas parentais, as atitudes dos pais e filhos em relação aos comportamentos de jogo e pretendeu ainda perceber se o facto de os pais jogarem se correlaciona com comportamentos de jogo nos seus filhos. Para responder a estes objectivos foi conduzido um estudo com pais/cuidadores (N = 65) e seus filhos adolescentes (N = 65), recorrendo-se à aplicação de um questionário de auto-resposta em ambos os casos. No que concerne aos resultados foi possível aferir que existem diferenças significativas entre a percepção dos pais e a percepção dos filhos em relação aos comportamentos de jogo na adolescência. Foi ainda possível analisar uma correlação positiva e significativa entre jogar por entretenimento e atitudes relacionadas com uma dimensão social e pessoal. Verificou-se também uma correlação negativa, significativa, entre o estilo parental democrático e a frequência de jogo a dinheiro e uma relação positiva entre o estilo autoritário e permissivo. Todas as implicações teóricas e práticas serão abordadas na discussão.

Palavras-Chave: adolescência, parentalidade, jogo, filhos

PsycINFO Classification Categories and Codes: 2800 Developmental psychology; 3233 Substance Abuse & Addiction

### **Abstract**

The act of gaming is becoming to be an usual activity among adolescents. It has some advantages in cognitive and psychosocial development but as it has also been pointed in literature there is a group of variables that aim to the idea of gaming as being a risk behavior. The present study had as objective to examine the relationship between frequency of gambling and gaming as entertainment of parents and children regarding the quality of the parent-child relationship, and parenting practices styles, perceptions of children on parental styles and practices the attitudes of parents and children in relation to gambling behavior. We also wanted to see if that gambling behavior in their children. To meet these objectives a study was conducted with parents / caregivers (N = 65) and their teenage children (N = 65), using the application of a self-administered questionnaire response in both cases. Regarding the results it was possible to ascertain that there are significant differences between the perception of the parents and the perception of children in relation to gambling behavior in adolescence. It was also possible to analyze a significant positive correlation between playing for entertainment and attitudes related to social and personal dimension. There was also a negative, significant correlation between democratic parenting style and the frequency of gambling and a positive correlation between authoritarian and permissive styles. All theoretical and practical implications of this study will be discussed in the discussion.

Keywords: adolescence, parenting, gaming, children

PsycINFO Classification Categories and Codes: 2800 Developmental psychology; 3233 Substance Abuse & Addiction

## Índice

|   |    |
|---|----|
| Introdução.....   | 01 |
| Capítulo I – Parentalidade .....  | 04 |
| 1.1– Conceito de Parentalidade .....                                      | 04 |
| 1.2– Componentes das Parentalidade: Estilos e Práticas Parentais .....    | 04 |
| Capítulo II – Adolescência .....  | 07 |
| 2.1 – Adolescência: Caracterização enquanto etapa de desenvolvimento..... | 07 |
| 2.2 – Factores de Risco e Factores de Protecção.....                      | 09 |
| Capitulo III – Jogo .....   | 11 |
| 3.1 - Jogo: Prazer ou Risco?.....   | 11 |
| 3.2 – Determinantes nos comportamentos de jogo dos adolescentes.....      | 12 |
| 3.2.1 - Qualidade da relação Pais-Filhos.....                             | 13 |
| 3.2.2 - Jogo Adolescente e Jogo Parental: o papel da modelagem.....       | 14 |
| Objetivos .....   | 16 |
| Hipóteses .....   | 17 |
| Método .....  | 18 |
| Estudo 1.....   | 18 |
| Procedimentos.....  | 18 |
| Participantes.....  | 18 |
| Instrumentos.....   | 18 |
| Estudo 2 .....  | 19 |
| Procedimentos.....  | 19 |
| Participantes.....  | 19 |
| Instrumentos.....   | 20 |
| Resultados .....  | 26 |
| Capitulo IV– Discussão .....  | 31 |
| Referências.....  | 34 |
| Anexos.....   | 39 |

## **Índice de Tabela**

|  |    |
|--|----|
| Quadro 1 <i>Percepções de pais e filhos sobre comportamentos de risco na adolescência</i> .....          | 27 |
| Quadro 2 <i>Atitudes dos filhos em relação a comportamentos de jogo e a sua frequência de jogo</i> ..... | 29 |

## **Glossário de Siglas**

DSM – Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders ( Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais)

IPE – Inventário de Práticas Educativas

OMS – Organização Mundial de Saúde

SICAD – Serviço de Intervenção nos Comportamentos de Adição e Dependência

SPSS – Statistical Package for the Social Sciences (Pacote Estatístico para as Ciências Sociais)

QEDP – Questionário de Estilos e Dimensões Parentais

QEEP – Questionário de Estilos Educativos Parentais

## Introdução

Com a evolução da tecnologia os jogos virtuais e electrónicos invadiram o quotidiano das pessoas, instalando-se em computadores, telemóveis e aparelhos electrónicos destinados ao ato de jogar, apresentando-se como uma atividade de fácil acesso que permite o entretenimento ao individuo. Através do jogo é possível construir representações reais e imaginárias, onde podem ser apresentados desejos internos desenvolvendo uma realidade subjectiva num mundo virtual onde a relação com o outro e com as regras são mais flexíveis (Ramos, 2008).

Uma pesquisa realizada nos EUA acerca das tendências de jogo nos adolescentes, revelou um aumento do envolvimento no jogo sendo que, dois terços dos jovens adolescentes, considerados legalmente menores, jogavam a dinheiro (Jacobs, 2004). Outros estudos, realizados na Europa, Ásia, Canadá e EUA, demonstraram um elevado número de jogadores patológicos (4% a 8%) entre jovens com idades inferiores a 18 anos, uma percentagem consideravelmente superior à da população adulta (Derevensky & Gupta, 2000; Jacobs, 2004; National Research Council, 1999; Wood & Griffiths, 1998). Apresentaram ainda uma percentagem de 8% a 10% de adolescentes onde é estimada a existência de algum tipo de problema relacionado com o jogo e em risco de desenvolverem problemas de jogo graves (Gupta & Derevensky, 1998; National Research Council, 1999; Shaffer & Hall, 2001).

Apesar de poderem ser apontadas vantagens à actividade de jogar, nomeadamente, ao nível cognitivo (aumento da concentração, da atenção, da criatividade, capacidade de abordagem multidireccional; colaboração em grupo; capacidade de iniciativa e liderança; percepção da eficácia pessoal) e psicossocial (redução do stresse diário; novas experiencias sociais e desafios pessoais) (Stefano, 2008), existem opiniões contraditórias, que revelam que esta actividade pode constituir-se de risco, permitindo que ocorra um total desinteresse e desatenção pelos problemas do mundo “real” e um isolamento social, nomeadamente, no que diz respeito à intimidade e às relações (Costa & Matos, 2007). É ainda referenciado, que a presença destes factores pode potenciar uma vulnerabilidade a outros riscos (Valadas, 2008). Um estudo realizado em Portugal, verificou que 16% dos jovens passam quatro ou mais horas a jogar computador durante a semana, esta percentagem aumenta para os 29% aos fins-de-semana (Matos et. al, 2008). Em 2009, Lopes num estudo sobre a dependência de jogo em

Portugal, revelou existirem 16124 viciados em jogos a dinheiro e mais de 400 mil jogadores de risco. De acordo com as conclusões do autor, um dos dados preocupantes é o número de jovens que mostraram sinais de dependência, 1564 com idades inferiores a 25 anos. Segundo o autor, parece existir um fenómeno que se deve com ao aumento da oferta e fácil acesso a jogos a dinheiro na internet. Por outro lado, parece existir ainda um desconhecimento sobre o fenómeno de dependência de jogo a dinheiro, nomeadamente, entre os adolescentes e jovens (Lopes, 2009).

O SICAD (Serviço de Intervenção nos Comportamentos de Adição e Dependências), na sua competência de intervir também com os comportamentos aditivos e dependências sem consumo de substâncias, considerou fundamental integrar o jogo patológico no seu plano estratégico para 2013-2015 (SICAD - Plano estratégico 2013-2015).

Se jogar um grande número de horas parece propiciar uma maior dependência (Cabral, 2006), a literatura tem apontado também outros factores que conduzem a um aumento do risco de vir a desenvolver comportamentos de jogo patológico, nomeadamente, algumas variáveis parentais. Em geral, uma menor supervisão e disciplina parental possibilitam que o adolescente assuma controlo das suas próprias regras e limites não sendo impedido de nada, podendo desta forma jogar mais (Ferreira & Ribeiro, 2000). Também o facto de os pais jogarem parece influenciar os comportamentos de jogo dos filhos (Griffiths, 2010). Apesar de existirem estudos que revelam que os pais minimizam a importância dada às horas que os seus filhos passam a jogar (Ladouser, Vitaro, Côté & Dumont, 2001), os mesmos são de natureza descritiva.

Dada a pertinência deste tópico de pesquisa e procurando complementar a literatura existente, no presente estudo pretende-se não apenas averiguar qual a relação dos estilos e práticas educativas parentais e dos seus próprios comportamentos de jogo com a frequência de comportamentos de jogo em adolescentes, mas verificar também em que medida estes comportamentos se relacionam com as atitudes dos pais face ao jogo, bem como as atitudes dos filhos face a esta actividade e com as suas próprias percepções sobre os estilos e práticas educativas dos seus pais. Pretende-se ainda, verificar qual a relação entre a percepção de qualidade da relação pais-filhos (dos pais e dos filhos) com os comportamentos de jogo dos adolescentes. O presente trabalho encontra-se dividido em sete capítulos. Relativamente ao

enquadramento teórico, este contempla três capítulos. O primeiro centra-se no conceito de parentalidade e na descrição dos seus componentes. No segundo capítulo encontra-se a caracterização da adolescência enquanto fase de desenvolvimento e a descrição de factores de risco e protecção nesta etapa de vida. Por último, será abordado, no terceiro capítulo, o risco existente nos comportamentos de jogo identificando a sua definição enquanto actividade e descrevendo quais os determinantes para os comportamentos de jogo nos adolescentes. De seguida seguem-se os objectivos e definição de hipóteses. O estudo empírico efetuado, surge no capítulo V, descrevendo o método (procedimento, participantes, instrumentos e resultados). Por último, o VI capítulo, consiste na discussão de resultado, na apresentação de limitações e sugestões para estudos futuros.

## **Capítulo I – Parentalidade**

### **1.1 – Conceito de Parentalidade**

Segundo Holden (2010) e Kane (2005), a parentalidade caracteriza-se como uma das tarefas mais complexas, desafiantes e com maiores responsabilidades para o ser humano.

Segundo alguns investigadores, o conceito de parentalidade, é definido como sendo o conjunto de “actividades propositadas no sentido de assegurar a sobrevivência e o desenvolvimento da criança” (Hoghughi, 2004, p. 5), num ambiente seguro (Reader, Duncan, & Lucey, 2005), de modo a socializar e atingir o objectivo de torná-la autónoma (Maccoby, 2000). Por seu lado Cruz (2005) define parentalidade como o “conjunto de acções encetadas pelas figuras parentais (pais ou substitutos) junto dos seus filhos no sentido de promover o seu desenvolvimento da forma mais plena possível, utilizando para tal os recursos de que dispõe dentro da família e, fora dela, na comunidade” (p.13).

Segundo Palácios e Rodrigo (2002, citado por Machado, 2007), os pais enquanto cuidadores devem ter como principal papel, assegurar a sobrevivência, o crescimento e a socialização dos filhos; proporcionar-lhes um ambiente de afeto e apoio; estimulá-los e tomar decisões de acordo com os vários contextos educativos que a criança integra.

### **1.2 – Componentes da Parentalidade: Estilos e Práticas Parentais**

Em relação à parentalidade a literatura tem feito uma distinção entre os estilos e práticas parentais. Segundo Darling & Steinberg (1993), os estilos representam o “conjunto de atitudes que são comunicadas à criança/jovem e que, todas juntas, criam um clima emocional, no qual os pais atuam de determinada forma”(p.488), enquanto que, as práticas parentais correspondem, segundo os mesmos autores, aos “comportamentos, com objectivo específico, através dos quais os pais expressam os seus deveres parentais” (p.488).

Em relação aos estilos parentais, Baumrind (1965,1966,1968) realizou estudos pioneiros que integram a utilização de componentes comportamentais e afetivos na educação das crianças. A autora definiu a existência de três estilos parentais: democrático, autoritário e permissivo. Posteriormente, Maccoby e Martin (1983), defenderam a existência de duas dimensões fundamentais da parentalidade: exigência e responsividade. Desta forma, Maccoby

e Martin (1983), identificaram quatro estilos parentais: democrático, autoritário, permissivo-indulgente e permissivo-indiferente.

Pais do tipo permissivo-indulgente revelam muito pouca exigência e disciplina aos seus filhos. A ausência de normas e regras, a grande tolerância e aceitação dos impulsos das crianças, a disponibilização excessiva de ajuda, padrões não realistas e a fraca estimulação da criança são as principais características deste estilo. Estes pais acreditam na auto-regulação e evitam conflitos com os filhos (Maccoby e Martin, 1983).

Em relação ao estilo permissivo-indiferente, este é caracterizado por baixas exigências, pouca interação e comunicação. Os pais que optam por este estilo parental asseguram apenas as necessidades básicas da criança não participando muito na sua vida.

Ao contrário dos permissivos, os pais autoritários partem do pressuposto de que os seus filhos devem seguir obedientemente todas as regras estabelecidas, com a consequência de serem castigados, caso não obedeçam. Estes pais valorizam muito o respeito pela autoridade e pela ordem. A forma para obter obediência é punitiva e não encorajam a troca de opiniões com os filhos. São ainda, caracterizados como pais que fazem muitas exigências aos filhos mas limitam a sua autonomia, não promovendo a comunicação uma vez que acreditam que estes devem aceitar a opinião dos pais sem a questionar, reforçando assim a existência de diferentes posições (pais e filhos). Podem definir-se como principais características deste estilo o grande nível de exigência, a supressão de conflito, a manipulação do poder de decisão e a excessiva valorização de regras e de normas (Baumrind, 1966, 1968). Estes pais consideram ainda que a autoridade parental pode regular tanto as questões morais como as convencionais, podendo também interferir em questões como a amizade (Semetana, 1995).

Os pais que apresentam um estilo parental democrático tendem a exercer um controlo firme mas de forma racional, estabelecendo regras para os seus filhos. Estes, dão valor tanto à obediência como à autonomia, respondem também às dúvidas dos filhos, são assertivos e utilizam métodos disciplinares mais pedagógicos do que punitivos (Baumrind, 1991). Neste estilo os pais encorajam a troca de ideias e explicam as razões inerentes às regras e decisões, quando a criança se recusa a obedecer, solicitam que esta explique a razão do seu desacordo. É potenciada a internalização das normas parentais e o incentivo à interação verbal.

Assim sendo, a exigência e a autonomia de forma equilibrada, a promoção da comunicação verbal e a utilização da razão ao invés da punição são apontadas como principais características dos pais democráticos (Baumrind, 1966, 1968). Dos vários estudos realizados, foi constatado que o estilo democrático é aquele que gera filhos com melhores níveis de ajustamento comportamental e psicológico, mais competentes e confiantes das suas capacidades e que se envolvem menos em problemas.

## Capítulo II - Adolescência

### 2.1 - Adolescência: Caracterização enquanto etapa de desenvolvimento

A palavra adolescência vem do latim “adolescere”, que significa crescer. Durante muito tempo foi entendida como uma passagem que era feita de forma direta entre a infância e a vida adulta (Muuss,1976). Apenas nos finais do século XIX esta etapa foi reconhecida como uma fase distinta do desenvolvimento que corresponde à transição entre infância e a idade adulta, cujo período se encontra compreendido, segundo a Organização Mundial de Saúde, entre os 11 e os 18 anos de idade (OMS, 1965).

Actualmente, a adolescência é vista como uma fase do ciclo vital onde ocorrem muitas transformações a nível físico, psicológico e hormonal (Papalia, Olds e Feldman,2006). As importantes transformações físicas e hormonais do adolescente, a busca da identidade pessoal, da aceitação entre os pares, da independência dos pais e o auge da sexualidade (Santos, 2005), induzem a um padrão de comportamentos que fazem dos adolescentes um grupo especial e de risco. Este padrão, pode desencadear comportamentos irreverentes, tais como, consumo ilícito de drogas, violência, condutas sexuais inadequadas, etc (Brown, Larson & Saraswathi, 2002).

O início da adolescência é marcado pelas alterações físicas – puberdade, e termina com a construção da identidade, criação de autonomia, capacidade de suportar tensões e contrariedades, assim como a elaboração de um projecto de vida e de inserção social (Costa, 1998).

Na generalidade, as transformações do corpo são vividas pelos adolescentes com grande ansiedade. Assim sendo, é importante distinguir as transformações fisiológicas com a sua aceitação psicológica. O autoconceito (percepção que cada um tem de si próprio), a auto-estima (modo como gostamos de nós) e a auto-eficiência (grau de confiança que o individuo tem de si mesmo) (Bandura, 1997), desempenham um importante papel na regulação do comportamento dos indivíduos em diversos contextos (Loos e Núñez Rodríguez, 2008). A hipersensibilidade, fragilidade e agressividade são estados que se manifestam em súbitas mudanças de humor na maioria dos jovens adolescentes. São, assim, frequentes as crises de choro, os estados de euforia e/ou melancolia.

É ainda durante esta fase de vida, que os indivíduos se desenvolvem a nível cognitivo, tornando-se capazes de obter uma maturidade intelectual, onde o pensamento formal abre novas perspectivas, sendo exercitado e sendo colocadas algumas questões. No desenvolvimento psicossocial, o raciocínio hipotético-dedutivo é uma ferramenta importante na construção de projetos futuros. A prática de novas capacidades cognitivas de abstração e de refletir antes de agir, poderá permitir uma distância em relação aos conflitos emocionais (Harter, 1993; Higgins, 1991; Piaget, 1960).

Nesta etapa de vida, os modelos de identificação deixam de ser os pais/cuidadores, para passarem a ser os jovens da mesma idade e o grupo de pares, existe ainda uma desvinculação dos objectos ligados ao passado e à infância surgindo um maior interesse em objectos do presente e orientação para o futuro (Salgueiro,1990).

Segundo Erikson (1972), a identidade pessoal implica uma definição do próprio, quais as direcções a seguir e quais os seus valores. Para o autor, a identidade é a concepção de si mesmo, composta por crenças, valores e metas com as quais o individuo está comprometido. A identidade é também influenciada por factores intrapessoais (capacidade inata do individuo e características da personalidade), interpessoais (identificação com outras pessoas) e culturais (valores sociais ao que o individuo está exposto). Composta por todos estes determinantes, é caracterizada por alguma confusão, mudança pessoal e ocorrências diversas, que vão causar algumas desorientações, excitações e recuos e em alguns casos isolamento psicossocial e mecanismos defensivos. A construção da identidade passa por um processo de identificação e também por um processo de diferenciação, nesta interação que existe na cultura jovem são construídos estereótipos sociais e grupais, onde os ídolos e heróis têm um papel relevante.

No final desta etapa, o adolescente tem a capacidade de compreender o papel activo na orientação da sua vida, sabendo identificar o sentimento de individualidade, tomada de decisões e aceitação de compromissos. Ao longo deste percurso foram cumpridos determinados objetivos, tais como, afirmação da identidade pessoal, sexual e psicossocial, assim como a interiorização de normas sociais e aquisição de uma autonomia. Esta autonomia (maioridade) contribuiu para datar esta etapa de vida (Erikson,1972).

## 2.2 – Fatores de Risco e Fatores de Proteção

São muitas as pesquisas realizadas sobre fatores de risco e proteção na adolescência. Os fatores de risco encontram-se associados a eventos negativos de vida, que quando presentes, podem aumentar a possibilidade do aparecimento de problemas no indivíduo a nível físico, psicológico e social (P.A. Cowan et al.,1996). Estes problemas podem condicionar e/ou afetar o desenvolvimento biopsicossocial equilibrado do indivíduo (Rutter, 1987).

Segundo Evans & Cohen (1987), os eventos stressantes de vida podem ser categorizados da seguinte forma: - eventos significativos de vida (e.g., separações e/ou perdas afetivas, mudança de residência, desemprego); - eventos do quotidiano (e.g., dificuldades económicas, falta de tempo livre); - fenómenos sociais (e.g., pobreza, conflitos familiares, situação prolongada de desemprego); - acontecimentos catastróficos ou traumáticos (e.g., guerras, catástrofes naturais) e fatores ambientais (e.g., poluição). Ainda assim, a relação existente entre as pessoas e os eventos stressantes vão originar acontecimentos que variam de acordo com a sua intensidade, frequência, duração e severidade. Deste modo, o impacto dos eventos stressantes é ainda determinado pela forma como o indivíduo os percebe (Koller e De Antoni, 2004).

De acordo com a abordagem sistémica do desenvolvimento humano de Bronfenbrenner 1979, o risco poderá ser tido em conta nos vários sistemas (pessoal; interpessoal; familiar; escolar e comunitário) dos quais o sujeito integra, interage e se desenvolve. Também Yanovitzku 2006, distingue três áreas ao nível dos fatores de risco, nomeadamente, personalidade, interpessoal e contextual. Em relação ao domínio da personalidade, na literatura é evidenciado um elemento designado por “procura de sensações”. Este é um factor definido como uma necessidade que os adolescentes têm em obter experiências novas, variadas e intensas. É ainda salientado, como um forte e positivo preditor para que os adolescentes se envolvam em comportamentos de risco, tais como, consumo de substâncias psicoativas, práticas sexuais inadequadas, entre outros. Ao nível do domínio interpessoal podem referir-se como fatores de risco as atitudes parentais inadequadas; as fracas ligações familiares; presença em conflitos familiares e com pares; rejeição dos pares; exposição a contextos propícios ao risco; insucesso e desinvestimento escolar. Relativamente

às características contextuais, o fator que pode propiciar comportamentos de risco é à inexistência de regras e normas (Kim, Zane & Hong, 2002).

Por seu lado, o ato de reduzir ou retirar por completo as influências negativas da exposição a estes riscos, define-se por proteção. Rutter (1985), define que “fatores de proteção referem-se a influências que modificam, melhoram ou alteram respostas pessoais a determinados riscos de desadaptação”.

Só perante a existência de fatores de risco é possível a atuação dos fatores de proteção, sendo estes uma forte influência no sentido de prevenir, limitar e reduzir os comportamentos de risco. A principal característica destes fatores (proteção) é a modificação do significado ou do perigo atribuído à situação de risco (Rutter, 1987).

Tal como os fatores de risco, também os de proteção são categorizados: individual, familiar e comunitário. Perante os diferentes fatores de proteção, na literatura é possível salientar, o apoio social e recursos externos, assim como forças pessoais (Simões, 2008).

Os fatores de proteção são também processos, que entre si interagem e alteram o percurso do indivíduo. Para uma maior consistência na definição de risco e proteção e que interações e combinações podem existir, é necessária uma cuidadosa análise contextualizada (Yunes, 2001). Assim sendo, torna-se indispensável a realização de uma análise ecológica do acontecimento, do processo e do indivíduo. Risco, proteção e processo de resiliência não devem, necessariamente, ser entendidos como conceitos estáticos, estes podem ser dinâmicos e mutáveis por natureza (Hawley e DeHann, 1996).

### Capítulo III – Comportamentos de Jogo

#### 3.1 - Jogo: Prazer ou Risco?

Huizinga (1999) define o jogo como “...uma atividade ou ocupação voluntária executada dentro de determinados limites de tempo e lugar, de acordo com regras livremente aceites, mas absolutamente obrigatórias, e sendo acompanhado por um sentido de tensão, alegria e a consciência de que isso é diferente da vida normal”(p.33).

O jogo é um conceito diverso que engloba uma série de atividades praticadas de várias formas, incluindo em si, conjuntos diferentes de comportamentos e percepções quer para os participantes quer para os observadores (Abbott e Volberg, 1999).

Na literatura é possível encontrar diferentes opiniões quanto à definição teórica do jogo, não havendo um consenso, pois este, não é restringido a um único e indiferenciado comportamento a que todo o jogador obedece, ainda assim são visíveis aspetos comuns que fazem do jogo uma atividade significativa para o individuo durante toda a sua vida (Machado, 1994).

Habitualmente, o jogo é referenciado como uma atividade infantil, na qualidade de só ser executada por crianças, mas na realidade são cada vez mais os jovens e adultos que jogam, havendo um crescente número de jogos (sobretudo videojogos) pensados para todas as faixas etárias (Lorda, 2001).

O ato de jogar pode ser, assim, considerada uma atividade agradável que contribui para o desenvolvimento social, cognitivo e afetivo do ser humano (Villa e Canal, 1998). Esta atividade é transversal a diversas culturas e povos e atrai muitas pessoas através de uma combinação entre o lúdico, a sorte e o prazer. Para além deste fator, existem outras razões para o seu reconhecimento, como a questão de colocar à prova as capacidades dos jogadores, a experimentação de emoções fortes, a exposição imagética e os cenários de fantasia, e é também um fio condutor para a interação social (Lucas & Sherry, 2004).

No entanto, e em alguns casos, podem ocorrer consequências negativas levando à desorganização do individuo e potenciando, em situação limite, o desenvolvimento de uma adição/perturbação. Em 1980 o jogo foi introduzido no DSM III – Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, passando a ser considerado uma desordem psiquiátrica do controlo dos impulsos e incluído nos Transtornos do Controlo dos Impulsos não Classificados

em Outro Local (Petry, 2007). Atualmente, e de acordo com a mais recente edição deste manual (DSM V), o jogo patológico, encontra-se no capítulo das Perturbações Relacionadas à Substância e Adição na nova categoria de Adições e Perturbações Relacionadas (Addictions and Related Disorders), como Perturbação ou Distúrbio de Jogo (Gambling Disorder), devido às crescentes evidências de que alguns dos comportamentos, nomeadamente relacionados com os jogos de azar, atuam sobre o sistema de recompensa com efeitos semelhantes ao das drogas (Araújo e Neto, 2013).

Hubert (2013) faz referência a três tipos de jogo: 1) o Jogo *on-line*, interactivo, remoto ou via internet, que corresponde a formas de jogo associados às tecnologias (telefones, televisão interativa, internet). Os *Gamers*, são jogadores que jogam de forma compulsiva persistente e recorrente, *on-line* e sem ser a dinheiro, excluindo todos os outros interesses; 2) o Jogo patológico, que se constitui como uma atividade contínua ou periódica na qual se vai perdendo o controlo em relação ao jogo, aumentando a preocupação em jogar descurando as consequências adversas do mesmo; 3) o Jogo problema, em risco, abusivo, excessivo: define um comportamento de jogo designado como pré-clínico, mas com risco de transição para o jogo patológico.

### **3.2 – Determinantes nos comportamentos de jogo dos adolescentes**

São vários os determinantes dos comportamentos de jogo tanto a dinheiro como por entretenimento. Algumas das características que podem potenciar um aumento destes comportamentos de jogo prendem-se com as características dos jogos: 1) o curto espaço de tempo entre a aposta e o resultado; 2) o facto de existirem estímulos sonoros e visuais mais intensos nas vitórias do que nas derrotas e 3) o facto de só serem mostrados os valores de crédito ou tempo que o indivíduo ainda tem para jogar/gastar, não exibindo os valores de crédito e tempo já gastos pelo jogador. Estas evidências acabam por reforçar o prolongamento de momentos de grande estimulação e afastamento de tudo aquilo que os rodeia, potenciando desta forma o “vício” (Tavares, Cordás & Abreu, 2008).

Também as variáveis individuais e sociais são evidenciadas na literatura como podendo influenciar os comportamentos de jogo, nomeadamente, o sexo (Sfinchfield & Winters, 1998), problemas de hiperactividade e impulsividade (Carlton & Manowitz, 1992;

Vitaro, Arsenault & Tremblay, 1999) e o nível socioeconómico (Fisher, 1993). Em relação a este último, alguns estudos referem que pessoas com um nível socioeconómico médio-baixo encontram-se mais propensas a desenvolver este tipo de comportamento, apesar de o jogo ser transversal e atingir todas as classes sociais e económicas. Concretamente, uma pessoa que pertença a uma classe social mais baixa tende a manter o seu padrão económico de acordo com os seus rendimentos, não podendo extravasar o orçamento familiar, com bens que possivelmente até desejaria (e.g, carros topo de gama, viagens, etc); desta forma a pessoa poderá pensar em alternativas para garantir uma rápida melhoria na sua qualidade de vida económica. É aqui que surgem os grandes sorteios, e as rápidas formas de inverter a sua situação financeira (ilusão vendida pelo jogo) e desta forma a pessoa acredita que pode inverter a sua situação económica e adquirir tudo aquilo com que sempre sonhou. Outro factor importante, e que deve também ser considerado, é a questão da personalidade. Evidências de traços de impulsividade muito acentuados e episódios de ansiedade e jogo podem combinar como forma de aliviar a tensão e afastar por momentos algumas preocupações existentes. Presentes estes factores no individuo, poderá ser grande a probabilidade em tornar-se jogador patológico (Tavares et. al, 2008).

### 3.2.1 – Qualidade da relação Pais-Filhos

Segundo Gameiro, Martinho, Canavarro e Moura – Ramos (2008), existe uma relação próxima entre o “conceito de envolvimento parental” e o “investimento socio-emocional”. Referem-se ao modo como os pais cuidam, investem e direcionam os recursos para a sobrevivência e desenvolvimento dos seus filhos. Podem definir-se como “ (...) quantidade de alegria e prazer que o pai/mãe experimenta com o filho, no desejo de estar com ele, nas expressões de afeto direcionadas à criança, na sensibilidade e responsividade às necessidades da criança, no grau de preocupação com o bem-estar da criança, na aceitação do papel parental e finalmente, em escolhas consistentes por parte dos pais em agir no melhor interesse do filho” (p.79).

Através da interação parental, a criança constrói uma representação interna cada vez mais complexa das experiências que tem com os seus pais/cuidadores (representação parental) tornando-a relativamente estável ao longo do tempo (Barber, Maughan & Olsen, 2005). Uma

representação parental funcional é essencial para melhorar a regulação interna de forma a adequar as emoções e obter interações sociais satisfatórias (Bugental & Johnston, 2000). O fato de muitos adolescentes dispenderem de inúmeras horas a jogar pode levá-los a perderem oportunidades de socialização com familiares e amigos em tempo real e de atividades físicas saudáveis (Cabral, 2006).

Tal como referido anteriormente, a responsividade e a exigência, são duas dimensões ligadas às práticas parentais que têm sido descritas como determinantes no processo educativo das crianças (Maccoby & Martin, 1983). Os autores referem que a responsividade encontra-se inserida no domínio afetivo-emocional, onde as atitudes compreensivas que os pais têm para com os seus filhos favorecem o desenvolvimento da autonomia e da auto-afirmação. Por sua vez, a exigência parental inclui todas as atitudes parentais que procuram, de alguma forma, controlar/supervisionar o comportamento dos filhos, através da imposição de limites e estabelecimento de regras. Nesta linha, a ausência de regras e limites por parte das figuras parentais/cuidadores podem, por vezes, incutir na criança uma sensação de controlo sobre as suas práticas de jogo. Muitos pais/cuidadores permitem que os filhos joguem o tempo que querem, não existindo nenhum tipo de limite nem supervisão quanto à quantidade de tempo e à adequação do mesmo à idade filho (Ferreira & Ribeiro, 2000).

### 3.2.2 - Jogo Adolescente e Jogo Parental: o papel da modelagem

A aprendizagem social há muito que apontou para o importante papel da observação e imitação na aquisição e continuidade dos comportamentos socialmente desejáveis e indesejáveis (Bandura, 1977). Sendo esta uma explicação viável para a aquisição e continuidade dos comportamentos, nomeadamente o jogo, entre os jovens (Gupta e Derevensky, 1997; Haroon & Derevensky, 2001). A aprendizagem social posiciona-se entre um grupo de referência específico e a família e os grupos de pertença continuam a ser a referência principal para os jovens, a observação e a participação no jogo entre pessoas de referência podem, naturalmente, influenciar a participação dos adolescentes em várias atividades, nomeadamente o jogo. Dado que a influencia parental ocorre mais cedo do que a grupal e é geralmente mais forte, as suas influências na participação do jogo podem ter um efeito ainda maior.

De vários estudos realizados foi feita uma descoberta comum a todos eles; que é o facto de o jogo parecer ser um fenómeno principalmente masculino. Além disso, parece também haver uma relação entre o jogo nos adultos e o incentivo, que daí advém, sobre os comportamentos de jogo nos adolescentes. Isto é corroborado pela forte correlação, que foi descoberta, entre jogo adolescente e jogo parental (Wood e Griffiths, 1998; 2004) apontando para a importância que o papel dos pais pode ter em relação aos comportamentos de jogo dos seus filhos. Este facto é particularmente preocupante porque vários estudos demonstram que indivíduos que jogam enquanto adolescentes têm uma maior propensão de se tornarem adultos com problemas de jogo (Griffiths, 2003b).

Por outro lado, algumas pesquisas sugerem também que crianças/jovens cujos pais/cuidadores jogam excessivamente, encontram-se em maior risco de desenvolver comportamentos de jogo, do que crianças/jovens cujos pais não revelam ter problemas de jogo compulsivo (Griffiths, 2010). Também Felsher, Derevensky & Gupta (2003), pretenderam verificar, especificamente em relação ao jogo na lotaria, a relação existente entre o jogo parental e a influência que isto tem para a participação dos seus filhos no jogo. Sendo este estudo realizado com uma amostra apenas de adolescentes, o objetivo foi averiguar se estes tinham perceção do impacto que o envolvimento parental com o jogo tinha com o seu nível de participação no jogo. Os autores revelaram que a participação parental no jogo pode ter consequências adversas nos seus filhos, uma vez que esta atividade pode encorajar o envolvimento dos jovens neste tipo de comportamentos.

Ladouser, Dubé & Bujold (1994) e Ladouser, Jacques, Ferland & Giroux (1996) afirmaram que o fato de o jogo ser aceite pelos pais/cuidadores de forma leviana pode potenciar comportamentos de jogo na adolescência, com agravante de muitas das vezes terem consciência dos comportamentos de jogo dos filhos e ainda assim não contrariarem a sua participação. Mais recentemente Ladouser, Vitaro, Côté & Dumont (2001), concluíram que grande parte dos pais/cuidadores que jogam em conjunto com os seus filhos têm conhecimento dos potenciais riscos associados ao jogo e ainda assim não se mostram preocupados com isto, independentemente, da idade das crianças/jovens.

Com base no artigo de Griffiths (2010), onde são mapeadas as variáveis sobre o papel dos pais no desenvolvimento de comportamentos de jogo nos adolescentes, foi possível verificar

que a supervisão dos pais em relação às atividades das crianças/jovens e a seleção que estes fazem dos amigos tem-se mostrado um dos mais fortes preditores de comportamentos indesejáveis. Variáveis como, a supervisão, o papel e as atitudes parentais e o jogo parental são importantes descrever para uma melhor compreensão deste estudo. Em relação aos comportamentos de jogo, os adolescentes com pais que exercem uma menor supervisão sobre como e com quem passam o seu tempo livre, podem ter mais oportunidade para jogar, experimentando menos sanções parentais. Consequentemente estes adolescentes podem jogar com mais frequência e terem uma maior probabilidade de desenvolver problemas de jogo. A par da supervisão, a disciplina ou falta de controlo parental e as práticas disciplinares inadequadas têm sido reconhecidas como fatores de risco familiar, o que se reflete num grande número de adolescentes com comportamentos indesejáveis e ou de risco (e.g, álcool, tabaco, drogas, práticas sexuais inadequadas e jogo). O papel parental é também uma variável muito importante e que se encontra relacionada com os comportamentos de jogo assim como a relação, já referenciada, de jogo parental e jogo adolescente.

### **Objetivos**

É cada vez mais consensual que os adolescentes passam cada vez mais tempo a jogar, não sendo os adolescentes portugueses uma exceção (Matos, 2008; Calado, Alexandra & Griffiths, 2014), e que jogar em excesso pode constituir-se como fator de risco para no futuro se tornarem jogadores patológicos. Apesar de ser ilegal, no nosso país, os adolescentes jogarem a dinheiro, existem algumas evidências de que o fazem (Calado, et. Al, 2014).

Deste modo, esta é uma preocupação que se tem mostrado crescente no nosso país, sendo que se há uns anos esta questão não era contemplada nas políticas da saúde (Matos, 2008), actualmente inscreve-se num plano de ação estratégica (SICAD, 2013). Por outro lado, mesmo existindo uma maior consciencialização para os seus perigos, os estudos sobre as atitudes dos pais em relação aos comportamentos de jogo dos filhos são apenas de natureza descritiva. (Griffiths, 2010).

Face ao exposto, o presente estudo visa:

1. Averiguar qual a relação entre a percepção da qualidade da relação pais-filhos, dos pais e dos filhos, e os comportamentos de jogo (a dinheiro e por entretenimento) dos filhos.
2. Averiguar em que medida os estilos e práticas parentais se relacionam com a frequência de jogo (a dinheiro e por entretenimento) dos filhos;
3. Averiguar em que medida a percepção dos filhos sobre os estilos e práticas parentais dos pais se relaciona com a frequência de jogo (a dinheiro e por entretenimento) dos mesmos;
4. Averiguar em que medida as atitudes dos pais e as atitudes dos filhos em relação a comportamentos de jogo se relacionam com a frequência de jogo (a dinheiro e por entretenimento) nos filhos;
5. Perceber em que medida o facto de os pais jogarem se correlaciona com comportamentos de jogo nos seus filhos;

### **Hipóteses**

Relativamente às hipóteses, podem colocar-se as seguintes:

H1 - Espera-se que exista uma relação negativa entre estilos e práticas parentais adequadas e comportamentos de jogo nos filhos.

H2. É esperado que exista uma relação positiva entre estilos parentais menos adequados (ex., autoritário e permissivo) e a frequência de jogar.

H3: Espera-se que atitudes mais positivas, de pais e filhos, em relação ao jogo e a frequência com que os filhos jogam se correlacionem de forma positiva.

H4: É espectável uma correlação positiva entre comportamentos de jogo nos pais e comportamentos de jogo nos filhos.

## **Método**

### Estudo 1

#### **Objetivo**

Com o objectivo de recolher opiniões dos pais/cuidadores sobre comportamentos de jogo, foi efetuado um estudo online com pais de adolescentes, sendo este o único critério de participação no estudo.

#### **Procedimento**

Foram contactados, por email, pais/cuidadores de adolescentes. Foi realizada uma introdução ao objectivo e foram enviados inquéritos por esta via aos pais/cuidadores que aceitaram participar. As respostas foram enviadas para a investigadora num espaço de 10 dias.

#### **Participantes**

A amostra é constituída por 20 pais/cuidadores de adolescentes, sendo 12 do sexo feminino e 8 do sexo masculino. A média de idades dos pais/cuidadores é de 44 anos ( $DP= 4,8$ ). Relativamente às habilitações literárias a maioria tem o 12ºano, seguido do 3º ciclo, e um participante tem apenas o primeiro ciclo completo.

#### **Instrumentos**

O inquérito contemplava uma parte de caracterização sociodemográfica (sexo; idade; habilitações literárias e idade do filho em que estava a pensar) e cinco questões relacionadas com os comportamentos de jogo na adolescência, procurando-se obter em algumas delas resposta aberta (e.g., “Na sua opinião, qual o impacto dos comportamentos de jogo na vida das crianças/jovens?”).

#### **Resultados**

Através de uma análise de conteúdo à resposta dada à questão aberta, foram constituídos itens, posteriormente, utilizados no estudo dois; mais concretamente: “Acho importante, os pais falarem habitualmente com os filhos sobre os comportamentos de risco que existem na adolescência”; “Atualmente os jovens despendem de muitas horas a jogar o que impossibilita comportamentos de socialização”; “Os pais devem definir limites quanto ao número de horas

que os seus filhos podem jogar”.” Um grande impacto dos comportamentos de jogo nos adolescentes é o facto de se tornarem isolados do mundo que os rodeia”; “Na minha opinião hábitos regulares de jogo sem vigilância de um adulto podem conduzir a comportamentos de risco”; “O jogo pode ser uma boa maneira de aliviar o tédio ”. Estas afirmações foram depois utilizadas no estudo dois

## Estudo 2

### **Procedimento**

Este estudo, de natureza quantitativa, implicou o recurso a questionários. Os participantes foram pais de adolescentes e adolescentes que se dispuseram a colaborar. Os critérios de participação foram: adultos com filhos adolescentes e adolescentes a frequentar o ensino básico ou secundário. Os questionários foram sempre entregues em papel e recolhidos pessoalmente. Esta fase decorreu entre Maio de 2014 e Agosto de 2014. Antes do preenchimento dos questionários, todos os pais assinaram o consentimento informado de forma a autorizar a participação dos filhos no estudo e a assegurar que a participação de todos seria anónima, voluntária, e realizada separadamente, sendo salvaguardado o anonimato e confidencialidade de todos os dados pessoais bem como de todas as respostas dadas, minimizando assim as possibilidades de enviesamento. Os questionários foram aplicados tendo utilizado uma técnica bola de neve. Foram treinadas duas pessoas, para que pudessem aplicar os questionários a pais/cuidadores e a adolescentes em outros distritos fora de Lisboa. A recolha foi realizada em Lisboa, Porto e Setúbal. Após a recolha dos dados, foi criada uma base onde foram inseridos todos os dados recolhidos. A análise dos dados foi feita através do *Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)* versão 20.0 para Windows.

### **Participantes**

A população que constituiu o presente estudo é composta por uma amostra de pais/cuidadores e dos seus filhos adolescentes. Participaram na investigação 65 pais/cuidadores e 65 adolescentes. A média de idades dos adolescentes é de 14,6 ( $DP=1,8$ ) e varia entre os 12 e os 18 anos. Em relação aos pais/cuidadores a média de idades é de 44,7 ( $DP=6,6$ ) sendo o mais novo com 34 anos e o mais velho com 69 anos. Relativamente ao

sexo, a amostra dos adolescentes apresenta-se equilibrada, embora haja um ligeiro predomínio do sexo feminino (51%) sobre o sexo masculino (49%). Na amostra dos pais/cuidadores verifica-se uma maioria do sexo feminino (68%) em relação ao sexo masculino (32%). Em termos de escolaridade, 51% dos adolescentes frequenta o ensino secundário, 46% encontram-se no 3ºciclo e apenas 3% o 2º ciclo. No que concerne às habilitações literárias dos pais/cuidadores, 32% têm o ensino secundário e 23% têm o 3ºciclo.

### **Instrumentos**

O instrumento é constituído por um conjunto de escalas e subescalas, quer construídas para o efeito quer oriundas de outros instrumentos estudados com a população portuguesa, que passamos a descrever

*Caracterização Sociodemográfica para os pais.* Foram elaboradas questões que permitissem obter informação sobre, a idade, o sexo, as habilitações literárias, composição do agregado familiar, estado civil, o sexo e a idade do filho que estavam a pensar no momento do preenchimento do questionário, o tipo de estabelecimento de ensino que o filho frequenta (publico ou privado) e o grau de parentesco.

*Caracterização Sociodemográfica para os filhos.* À semelhança das questões elaboradas para o questionário dos pais, foram também criadas questões que permitissem obter informações sobre a idade, o sexo, o ano de escolaridade e a composição do agregado familiar.

*Qualidade da relação pais-filhos – Questionário dos Pais.* Foram construídos dois itens com a intenção de ser avaliada a qualidade da relação entre pais e filhos, sendo esta elaboração baseada na literatura (Calado et al.,2014), o primeiro item é: “Tendo em conta a sua profissão actual quantas horas por semana e ao fim de semana consegue passar com o seu filho?”, sendo a resposta do tipo aberta . Em relação ao outro item, “Independentemente do tempo que passa com o seu filho considera que esse tempo é de...”, as respostas foram dadas através de uma escala tipo Likert, onde tinham cinco opções de resposta ( “Nenhuma Qualidade”; “Pouca Qualidade”; ”Assim Assim”; ”Alguma Qualidade”; ”Com Qualidade”).

*Qualidade da relação pais-filhos – adaptado para o questionário dos filhos.* Para os adolescentes foi também utilizada esta escala, mas com uma adaptação ao mesmos, sendo o

itens, “Tendo em conta a profissão atual dos teus pais/cuidadores, quantas horas por semana achas que conseguem passar juntos” e “Independentemente do tempo que passas com os teus pais/cuidadores, consideras que esse tempo é de... ”.

*Gravidade de comportamentos na adolescência – percepção pais.* Com intenção de perceber qual gravidade que têm, para os pais/cuidadores, determinados comportamentos de risco na adolescência, foi elaborada uma escala com sete itens. Sendo estes, “Ingerir Bebidas Alcoólicas”, “Fumar Tabaco”, “Fumar outras Substâncias”, “Comportamentos de Jogo”, “Utilização de redes sociais”, “Utilização da Internet”. As respostas foram dadas através de uma escala tipo Likert de cinco pontos (“Não grave”, “Pouco grave”, “Assim assim”, “Grave” e “Muito grave”). Para estes itens foi obtida uma consistência interna de 0,75.

*Gravidade de comportamentos na adolescência – percepção filhos – versão adaptada.* A escala anterior foi igualmente utilizada no questionário dos adolescentes, sendo adaptada aos mesmos. Obteve como consistência interna um valor de 0,79.

*Questionário de estilos e dimensões parentais - versão reduzida* (Durcharne, Cruz, Marinho & Grande, 2006) é uma adaptação portuguesa do Parenting Styles and Dimensions Questionnaire (PSDQ) – Short Form (Robinson, Mandleco, Olsen & Hart, 2001). Trata-se de um questionário com 32 itens que pretende avaliar os estilos parentais (autoritário, democrático e permissivo) utilizados pelos pais/cuidadores, onde os sujeitos indicam o grau de frequência com que realizam os comportamentos apresentados através de uma escala de Likert de 5 pontos (1 – “Nunca”; 2 – “Poucas vezes”; 3 – “Algumas vezes”; 4 – “Bastantes vezes” e 5 – “Sempre”). No estilo democrático são incluídas subescalas de Apoio e Afeto (5 itens: 1,7,12,14 e 27; e.g, “Dou resposta aos sentimentos e necessidades do meu filho”), Regulação (5 itens: 5, 11, 25, 29 e 31; e.g, “Saliento as razões das regras que estabeleço”) e Cedência de Autonomia/Participação Democrática (5 itens: 3, 9, 18, 21 e 22; e.g, “Tomo em conta as preferências do meu filho quando faço planos familiares”). Para o estilo autoritário foram incluídas dimensões de Coerção Física (4 itens: 2, 6, 19 e 32; e.g, “Castigo fisicamente o meu filho como forma de o disciplinar”), Hostilidade Verbal (quatro itens: 13, 16, 23 e 30; e.g, “Grito ou falo alto quando o meu filho se porta mal”) e Punição (quatro itens: 4, 10, 26 e 28; e.g, “Castigo o meu filho retirando-lhe privilégios com poucas ou nenhuma explicações”). O padrão permissivo inclui uma única subescala, a indulgência (cinco itens:8,

15, 17, 20 e 24; e.g, “Dito castigos ao meu filho mas realmente não os aplico”). A consistência interna do QEDP nas diferentes subescalas, no presente estudo, foi de 0,87 para o apoio e afeto; 0,79 para a regulação; 0,78 para a autonomia; 0,73 para a coerção física. Em relação à subescala da hostilidade verbal esta apresenta 0,66, seguida da punição com 0,65 e por último o padrão permissivo com 0,56. Tendo em conta a consistência interna das várias subescalas, foram criadas os respectivos índices que serão usados, posteriormente, nas análises.

*Questionário de estilos e dimensões parentais - versão reduzida – versão adaptada aos adolescentes.* Esta escala foi também utilizada no questionário dos filhos, tendo sido primeiramente adaptada. A consistência interna do QEDP-versão adolescentes nas diferentes subescalas, foi de 0,87 para o apoio e afeto; 0,83 para a regulação; 0,86 para a autonomia; 0,79 para a coerção física. Em relação à subescala da hostilidade verbal esta apresenta 0,70, seguida da punição com 0,56 e por último o padrão permissivo com 0,66. Os respectivos índices serão, tal como na escala dos pais/cuidadores, utilizados, posteriormente, nas análises.

*Inventário de Práticas Educativas Parentais (IPE) – versão pais,* é um questionário de auto-resposta de Machado, Gonçalves e Matos (2007), adaptado de Machado, Gonçalves e Matos (2000 citados por Machado, Gonçalves e Matos, 2007) com o objectivo de caracterizar as práticas educativas parentais utilizadas por pais/cuidadores, onde estes respondem de acordo com a frequência com que foram realizadas os comportamentos apresentados durante o último ano. As respostas são dadas através de uma escala de Likert de 4 pontos (1 - “nunca usei”; 2 – “usei uma única vez”; 3 – “usei menos que uma vez por mês” e 4 – “usei mais do que uma vez por mês”). Este inventário contempla 29 itens, que se encontram divididos em seis subescalas: Práticas educativas adequadas (cinco itens: 1,7,11,17 e 29; e.g “Dar conselhos à criança/jovem”), Práticas inadequadas embora não abusivas (4 itens: 2,22,24 e 26; e.g, “A mãe ameaçar a criança que o pai lhe vai bater”), Práticas punitivas que envolvem punição física (cinco itens:3,5,10,14 e 15; e.g, “Puxar as orelhas”), Maus-tratos emocionais (cinco itens: 8,9,21,23 e 25; e.g, “Dizer à criança que nunca devia ter nascido”), Maus-tratos físicos (7 itens:6,13,18,19,20,27 e 28; e.g, “Bater deixando marcas”) e Comportamentos potencialmente maltratantes (três itens: 4,12 e 16; e.g, “Dar uma bofetada na cara, cabeça ou orelhas”). Para este estudo foi apenas utilizada uma das dimensões, as Práticas adequadas que

contemplam cinco itens (1,7,11,17 e 29). A consistência interna do IPE foi de 0,43. Tendo em conta que o valor do alfa é inaceitável, esta dimensão não será usada nas análises.

*Inventário de Práticas Educativas Parentais (IPE) – versão adaptada para os filhos.* Esta escala foi adaptada através da escala anteriormente descrita e utilizada no questionário dos filhos. A consistência interna do IPE foi de 0,55. Tal como no caso dos pais/cuidadores dimensão não será usada nas análises.

*Questionário de Estilos Educativos Parentais (QEEP)- versão pais e versão adaptada aos filhos,* é um instrumento que foi traduzido e reformulado através das Parenting Scales (Laborne et. al., 1991). É composto por 21 itens, e está dividido em duas grandes dimensões: responsividade e exigência. As respostas dadas a cada item são cotadas numa escala de Likert entre 1 e 4 (1 – “Nada”, 2 – “Pouco”, 3 – “Bastante” e 4 – “Muito”). Neste estudo existiu a necessidade de separar as dimensões e contemplar apenas algumas e com mais um grau de cotação, visto ser uma escala que foi integrada nos questionários dos pais e dos filhos. Assim sendo, e no caso do questionário para os pais, a dimensão Exigência ficou com cinco itens (1 – “Até que ponto tenta saber quem são os amigos do seu filho”; 2 – “Até que ponto tenta saber o que o seu filho faz quando sai de casa”; 3 – “Até que ponto tenta saber o que o seu filho faz nos tempos livres”; 4 – “Até que ponto tenta saber onde está o seu filho depois da escola”; 5 – “Até que ponto tenta saber como o seu filho gasta o dinheiro”, que foi respondido numa escala tipo Likert de 1 a 5 (1- “Nada”; 2 – “Pouco”; 3 – “Assim a Assim”; 4 – “Bastante”; 5 – “Muito”). Na dimensão Responsividade foram utilizados também cinco itens (1 – “O meu filho sabe que pode contar comigo para o ajudar quando tem um problema”; 2 – “Procuro exigir ao meu filho que dê o seu melhor em tudo o que faz”; 3 – “Tento exigir ao meu filho que pense pela sua própria cabeça”; 4 – “Ajudo o meu filho nos trabalhos de casa se houver algo que ele não entenda”; 5 – “Quando quero que o meu filho faça algo, explico-lhe porque”), com 5 possibilidades de resposta numa escala tipo Likert de 1 a 5 (1 – “Discordo Totalmente”; 2 – “Não Concordo”; 3 – “Nem Concordo Nem Discordo”; 4 – “Concordo”; 5 – “Concordo Totalmente”). No que concerne ao questionário para os adolescentes, a dimensão Exigência ficou com 10 itens (1 – “Até que ponto os teus pais tentam saber quem são os teus amigos”; 2 – “Até que ponto os teus pais tentam saber o que fazes quando saís de casa”; 3 – “Até que ponto os teus pais tentam saber o que fazes nos tempos livres”; 4 – “Até que ponto

os teus pais tentam saber onde estás depois da escola”; 5 – “Até que ponto os teus pais tentam saber como gastas o teu dinheiro”; 6 – Até que ponto os teus pais realmente sabem quem são os teus amigo”; 7 – “Até que ponto os teus pais realmente sabem o que fazes quando saís de casa”; 8 – “Até que ponto os teus pais realmente sabem o que fazes nos teus tempos livres”; 9 – “Até que ponto os teus pais realmente sabem onde estás depois da escola”; 10 – “Até que ponto os teus pais realmente sabem como gastas o teu dinheiro”, que foi respondido numa escala tipo Likert de 1 a 5 (1- “Nada”; 2 – “Pouco”; 3 – “Assim a Assim”; 4 – “Bastante”; 5 – “Muito”). Na subescala Responsividade, foram utilizados cinco itens (1 – “Posso contar com os meus pais para me ajudar se tiver um problema”; 2 – “Os meus pais exigem que eu dê o meu melhor em qualquer coisa que eu faça”; 3 – “Os meus pais exigem que eu pense pela minha própria cabeça”; 4 – “Os meus pais ajudam-me nos trabalhos de casa se houver algo que eu não entenda”; 5 – “Quando os meus pais querem que eu faça alguma coisa, explico-me porque”), com cinco possibilidades de resposta numa escala tipo Likert de 1 a 5 (1 – “Discordo Totalmente”; 2 – “Não Concordo”; 3 – “Nem Concordo Nem Discordo”; 4 – “Concordo”; 5 – “Concordo Totalmente”). A consistência interna do QEEP, para a subescala de exigência foi de 0,85 e para a responsividade de 0,54.

*Atitudes dos pais para com comportamentos de jogo dos adolescentes.* Com base no estudo 1 foram elaborados seis itens para medir as atitudes para com comportamentos de jogo dos adolescentes (1 – “Acho importante o pais falarem habitualmente com os filhos sobre os comportamentos de risco na adolescência”; 2 – “Atualmente os jovens despendem de muitas horas a jogar o que impossibilita comportamentos de socialização”; 3 – “Os pais devem definir limites quanto ao numero de horas que os seus filhos podem jogar”; 4 – “Um grande impacto dos comportamentos de jogo nos adolescentes é o facto de se tornarem isolados do mundo que os rodeia”; 5 – “Na minha opinião hábitos regulares de jogo sem vigilância de um adulto podem conduzir a comportamentos de risco” e 6 – “O jogo pode ser uma maneira de aliviar o tédio”). Estes itens foram respondidos uma escala tipo Likert de 1 a 5 (1 – “Discordo Totalmente”; 2 – “Não Concordo”; 3 – “Nem Concordo Nem Discordo”; 4 – “Concordo”; 5 – “Concordo Totalmente”). A consistência interna destes itens é de 0,45. Tendo em conta que

este valor não é satisfatório, para efeitos de análise serão usados separadamente cada um dos itens<sup>1</sup>.

*Atitudes dos adolescentes sobre comportamentos de jogo.* Em relação ao jogo, no caso do questionário dos adolescentes, foram elaboradas cinco itens (1 – “Jogar é uma boa forma de conseguir ter mais amigos”, 2 – “Jogar faz com que eu seja valorizado pelos meus colegas”, 3 – “Jogar ajuda a desenvolver um conjunto de capacidades pessoais (ex., atenção, rapidez)”, 4 – “Jogar tem mais desvantagens do que vantagens”, 5 – “O facto do meu progenitor/cuidador jogar (jogos eletrónicos ou a dinheiro) também me fez começar a jogar”). Os mesmos foram baseados no estudo de Calado et al., (2014), com possibilidade de resposta numa escala de Likert de 1 a 5 (1 – “Discordo Totalmente”; 2 – “Não Concordo”; 3 – “Nem Concordo Nem Discordo”; 4 – “Concordo”; 5 – “Concordo Totalmente”). A consistência interna deste conjunto de questões é de 0,54. Apesar da consistência interna ser aceitável, por forma a conduzir uma análise coerente com as atitudes dos pais, também, para efeitos de análise se procederá à utilização de cada um destes itens separadamente<sup>2</sup>.

*Frequência do comportamento de jogo dos pais.* Para se averiguar a frequência com que pais/cuidadores jogam, foram elaboradas quatro questões sobre este tipo de comportamentos e respectivo cônjuge/companheiro (e.g., “Com que frequência joga a dinheiro”; “Com que frequência o seu companheiro joga a dinheiro?; “Com que frequência joga por entretenimento?; “Com que frequência o seu companheiro joga por entretenimento?”). Para estas últimas questões, os participantes responderam através de uma escala tipo Likert de 1 a 4 pontos (1 – “Nunca”; 2 – “Uma vez por semana”; 3 – “Mais do que uma vez por semana” e 4 – “Todos os dias”). Para este conjunto de questões foi obtida uma consistência interna de 0,51.

*Frequência do comportamento de jogo dos filhos.* Também, no caso dos filhos, foi solicitado que respondessem acerca das suas práticas de jogo e sobre as práticas dos seus pais/cuidadores (e.g., “Com que frequência jogas a dinheiro”; “Com que frequência jogas por entretenimento”; “Com que frequência os teus pais/cuidadores jogam por dinheiro”, “Com que frequência os teus pais/cuidadores jogam por entretenimento”). Em relação às opções de

---

<sup>1</sup> Tendo em conta o número de participantes da amostra, não foi possível conduzir uma análise fatorial.

<sup>2</sup> Tendo em conta o número de participantes da amostra, não foi possível conduzir uma análise fatorial.

resposta para estas questões, pode ser feita através de uma escala tipo Likert de 1 a 4 pontos (1 – “Nunca”; 2 – “Uma vez por semana”; 3 – “Mais do que uma vez por semana” e 4 – “Todos os dias”). Neste caso, a consistência interna destes itens, é de 0,30. Tendo em conta que este valor não é satisfatório, para efeitos de análise irá utilizar-se os itens, separadamente.

## Resultados

Os resultados serão apresentados para cada um dos objectivos do presente estudo. Antes destes, será feita uma análise descritiva dos resultados.

Relativamente à questão sobre o sexo do filho em que os pais/cuidadores estavam a pensar no momento do preenchimento do questionário, a prevalência é praticamente igual, correspondendo 51% ao sexo feminino e 49% ao sexo masculino.

Em termos de frequência com que os pais e respectivos cônjuges jogam, verifica-se que em geral, os hábitos de jogo são praticamente iguais, embora existam pequenas variações quando se fala de jogo a dinheiro [ $M_{\text{pais/dinheiro}} = 1,48$ ,  $DP=0,79$ ;  $M_{\text{cônjuges/dinheiro}} = 1,34$ ,  $DP=0,70$ ] ou de jogo por entretenimento [ $M_{\text{pais/entretenimento}} = 2,02$ ,  $DP=1,01$ ;  $M_{\text{cônjuges/entretenimento}} = 16,8$ ,  $DP=8,57$ ], mas estas não são estatisticamente significativas.

Analisando se existem diferenças entre pais e mães, verifica-se, através de uma análise de variância (ANOVA), colocando como factor a variável “ grau de parentesco” (mãe vs pai) e como variáveis dependentes as variáveis “com que frequência joga a dinheiro” e “com que frequência joga por entretenimento”, que são os pais os que dizem jogar mais horas apenas por entretenimento [ $F(1,60) = 7,47$ ,  $p < 0,05$ ;  $M_{\text{mãe}} = 1,80$ ,  $DP=0,9$ ;  $M_{\text{pai}} = 2,52$ ,  $DP=1,12$ ].

Sobre a frequência com que os filhos jogam, verifica-se que a dinheiro este comportamento nunca ocorre ( $M = 1,0$ ,  $DP = 0,12$ ), e jogar por entretenimento é, no entanto, segundo estes, um comportamento que ocorre mais do que uma vez por semana, mas não todos os dias ( $M = 2,85$ ,  $DP = 0,93$ ).

Ainda, no que diz respeito à percepção de gravidade de alguns comportamentos de risco na adolescência – fumar tabaco, fumar outras substâncias, ingerir bebidas alcoólicas, práticas sexuais, utilização de redes sociais, utilização de internet, e comportamentos de jogo – verifica-se, através de testes t para amostras emparelhadas, que para todos eles existem diferenças estatisticamente significativas entre a percepção dos pais e a percepção dos filhos

(Quadro 1), constatando-se que são os pais que percebem estes comportamentos como sendo de maior gravidade. No entanto, analisando as médias verifica-se que os comportamentos avaliados como sendo de maior gravidade são, segundo os pais, fumar tabaco e outras substâncias, bem como ingerir bebidas alcoólicas.

Quadro 1 *Percepções de pais e filhos sobre comportamentos de risco na adolescência*

|                             | Pais          | Filhos         |          |
|-----------------------------|---------------|----------------|----------|
| Comportamentos de risco     | <i>M (DP)</i> | <i>(M, DP)</i> | <i>T</i> |
| Ingerir bebidas alcoólicas  | 4,35 (0,76)   | 3,49 (1,11)    | 6,96     |
| Fumar Tabaco                | 4,65 (0,65)   | 4,12 (1,04)    | 4,58     |
| Fumar outras Substâncias    | 4,83 (0,60)   | 4,51 (0,83)    | 3,37     |
| Comportamentos de Jogo      | 3,77 (0,92)   | 3,17 (1,08)    | 4,86     |
| Práticas Sexuais            | 3,45 (0,92)   | 2,97 (1,35)    | 3,36     |
| Utilização de Redes Sociais | 2,78 (0,93)   | 1,98 (0,88)    | 5,99     |
| Utilização da Internet      | 2,55 (0,89)   | 1,69 (0,79)    | 6,39     |

\* $p < 0,01$ ;

*Objetivo 1. Averiguar qual a relação entre a percepção da qualidade da relação pais-filhos, dos pais e dos filhos, e os comportamentos de jogo (a dinheiro e por entretenimento) dos filhos*

Em termo gerais, e calculando um teste *t* para amostras emparelhadas, verifica-se que apesar da variabilidade das respostas, pais e filhos dizem passar, em média, o mesmo tempo juntos, quer durante a semana [  $t(63) = 1,69$ , n.s.;  $M_{\text{pais/semana}} = 18,2$ ,  $DP=7,14$ ;  $M_{\text{filhos/semana}} = 16,8$ ,  $DP=8,57$ ], quer ao fim de semana [  $t(63) = 0,35$ , n.s.;  $M_{\text{pais/fim-de-semana}} = 24,9$ ,  $DP=12,4$ ;  $M_{\text{filhos/fim-de-semana}} = 24,6$ ,  $DP=12,9$ ].

Para responder diretamente ao objetivo 1 procedeu-se ao cálculo de correlações de Pearson entre as variáveis supracitadas. Apesar de na análise se verificar uma correlação positiva, e significativa, entre a percepção dos filhos e a percepção dos pais sobre a qualidade de tempo que passam juntos ( $r = 0,57$ ,  $p < 0,01$ ) não foi possível encontrar uma correlação significativa entre estas duas variáveis e os comportamentos de jogo dos adolescentes (a dinheiro e por entretenimento).

*Objetivo 2. Averiguar em que medida os estilos e práticas parentais se relacionam com a frequência de jogo (a dinheiro e por entretenimento) dos filhos*

Espera-se que exista uma relação negativa entre estilos adequadas e comportamentos de jogo nos filhos (H1), e uma relação positiva entre estilos e práticas parentais inadequadas (ex., autoritário e permissivo) e a frequência de jogar (H2).

Para responder a este objetivo foram conduzidas correlações de Pearson. Tal como esperado, verificou-se que existe uma correlação significativa negativa, entre o estilo parental democrático – apoio e afeto ( $r = -0,52, p < 0,05$ ), regulação ( $r = -0,36, p < 0,05$ ) e autonomia ( $r = -0,34, p < 0,05$ ) – e a frequência de jogo a dinheiro dos adolescentes, e uma correlação, significativa, positiva entre o estilo parental autoritário – nas dimensões coerção física ( $r = 0,38, p < 0,05$ ), e punição ( $r = 0,52, p < 0,05$ ), e o estilo permissivo ( $r = 0,36, p < 0,05$ ) – e a frequência de jogo a dinheiro dos adolescentes. Para o jogo por entretenimento apenas se verifica uma correlação significativa positiva entre o estilo permissivo e esta variável ( $r = 0,26, p < 0,05$ ).

*Objetivo 3. Averiguar em que medida a percepção dos filhos sobre os estilos e práticas parentais se relaciona com a frequência de jogo (a dinheiro e por entretenimento) dos mesmos*

Para analisar este objetivo foi calculada a correlação de Pearson entre a percepção dos filhos sobre os estilos educativos parentais e práticas parentais e a frequência de jogo (a dinheiro e por entretenimento) dos mesmos. Foi possível verificar uma correlação significativa negativa entre a percepção dos filhos sobre as dimensões apoio e afeto do estilo democrático e os comportamentos de jogo a dinheiro ( $r = -0,28, p < 0,05$ )

*Objetivo 4. Averiguar em que medida as atitudes dos pais e as atitudes dos filhos em relação a comportamentos de jogo se relacionam com a frequência de jogo (a dinheiro e por entretenimento) nos filhos*

Espera-se que atitudes mais positivas, de pais e filhos, em relação ao jogo e a frequência com que os filhos jogam se correlacionem de forma positiva (H3).

No que às atitudes dos filhos diz respeito, a correlação de Pearson efetuada mostra que, existe uma correlação positiva e significativa entre jogar por entretenimento e atitudes que se prendem com uma dimensão social (valorização por parte dos colegas, ter novas

amizades) e pessoal (desenvolver capacidades pessoais) (Quadro 2). Por seu lado, jogar a dinheiro encontra-se positivamente correlacionado com o ter novas amizades e com vantagens/desvantagens de jogar (Quadro 2).

*Quadro 2. Atitudes dos filhos em relação a comportamentos de jogo e a sua frequência de jogo.*

|  | 1            | 2             | 3             | 4             | 5              | 6 |
|--|--------------|---------------|---------------|---------------|----------------|---|
| 1-Com que frequência jogas a dinheiro?                           | 1            |               |               |               |                |   |
| 2-Com que frequência jogas por entretenimento                    | ,155         | 1             |               |               |                |   |
| 3-Jogar faz com que eu seja valorizado pelos meus colegas        | ,100         | <b>,272*</b>  | 1             |               |                |   |
| 4- Jogar é uma boa forma de conseguir ter mais amigos.           | <b>,257*</b> | <b>,361**</b> | <b>,549**</b> | 1             |                |   |
| 5- Jogar ajuda a desenvolver um conjunto de capacidades pessoais | ,142         | <b>,265*</b>  | <b>,253*</b>  | <b>-381**</b> | 1              |   |
| 6-Jogar tem mais vantagens                                       | <b>,259*</b> | -,088         | -,147         | -,129         | <b>-,323**</b> | 1 |

\*  $p < 0,05$

Relativamente às atitudes dos pais, calculando também correlações de Pearson, verifica-se que as atitudes dos pais sobre a importância de estabelecer limites quanto ao número de horas de jogo se correlaciona de forma significativa e negativa com a frequência do comportamento de jogo por entretenimento dos seus filhos ( $r = -0,42$ ,  $p < 0,05$ ). Também, considerar que jogar promove isolamento dos filhos se correlaciona de forma negativa e significativa com este tipo de comportamento de jogo (por entretenimento) dos filhos ( $r = -0,34$ ,  $p < 0,05$ ). Desta forma verifica-se parcialmente a hipótese de que atitudes menos favoráveis dos pais sobre o jogo se correlacionam negativamente com comportamentos de jogo dos filhos (H3).

*Objectivo 5. Perceber em que medida o facto de os pais jogarem está relacionado com os comportamentos de jogo nos seus filhos*

A hipótese de que seria expectável encontrar uma correlação positiva entre comportamentos de jogo nos pais e comportamentos de jogo nos filhos foi parcialmente verificada: os resultados indicam uma correlação positiva significativa entre a frequência de jogo a dinheiro dos pais com a frequência de jogo por entretenimento dos filhos ( $r = 0,23$ ,  $p < 0,05$ ). Acresce o fato de se ter verificado que a percepção dos filhos sobre o fato dos pais/cuidadores jogarem está também positivamente correlacionado com os seus próprios comportamentos de jogo, por entretenimento ( $r = 0,29$ ,  $p < 0,05$ ).

Adicionalmente foi possível verificar uma correlação positiva entre o comportamento de jogo de um progenitor com o seu/a sua companheira/o ( $r = 0,71$ ,  $p < 0,05$ ).

## Discussão

O principal objetivo deste estudo era complementar as investigações que procuram analisar que variáveis se relacionam com uma maior frequência de jogo nos adolescentes, dado no contexto português estes serem escassos e apresentados de forma muito descritiva (e.g., Matos, 2008). Para este efeito considerou-se um conjunto alargado de variáveis parentais, bem como as perceções dos filhos sobre os estilos e práticas parentais, e as atitudes de pais e filhos sobre o jogo.

Desta forma foi possível constatar, tal como esperado, a existência de uma correlação negativa entre o estilo parental democrático (prática adequada) e a frequência de jogo a dinheiro. Ainda em relação a este objetivo, e com o intuito de comprovar as duas primeiras hipóteses, foi possível verificar uma correlação positiva entre comportamentos de jogo em adolescentes e as práticas parentais mais autoritárias ou permissivas. Este resultado é corroborado na literatura por Griffiths (2010), ao referir a existência de uma relação entre comportamentos de jogo na adolescência e o facto de os seus pais prestarem uma menor supervisão sobre o que fazem nos seus tempos livres, possibilitando assim uma maior oportunidade de experienciarem comportamentos de jogo. O facto do estilo permissivo se correlacionar positivamente com comportamentos de jogo a dinheiro e por entretenimento dos filhos, pode ser explicado pela literatura na medida em que, pais que optam por um estilo permissivo para educar os seus filhos, são muito pouco exigentes e disciplinadores, revelando uma grande tolerância e aceitação dos impulsos das crianças. Na educação dada por estes pais é também visível a grande ausência de regras e normas (Mccoby e Martin, 1983).

No que às atitudes dos adolescentes diz respeito, foi possível verificar uma relação positiva entre atitudes positivas (valorização por parte dos pais e estabelecimento de novas amizades) dos filhos e uma maior frequência de jogo por entretenimento. No que concerne à valorização por parte dos pais, é referido por Salgueiro (1990), que os modelos de identificação, nesta fase de desenvolvimento, deixam de ser os pais/cuidadores, para passarem a ser os jovens da mesma idade, posto isto e para que tal aconteça, os adolescentes jogam para que sejam distinguidos e reconhecidos pelos colegas. Relativamente à correlação constatada entre o desenvolvimento de um conjunto de capacidades pessoais e o fato de isto ser

reconhecido como vantagens por parte dos adolescentes, vai de encontro à ideia transmitida por alguns estudos quando realçam que o fato de jogar possibilita um desenvolvimento a nível cognitivo (e.g., atenção, concentração) e psicossocial (e.g., redução de stresse), considerando-se, assim, uma actividade vantajosa (Calado, et al., 2014; Stefano, 2008 ). Foi também possível analisar uma correlação entre o jogo dos pais/cuidadores e o facto de os adolescentes iniciarem comportamentos de jogo porque os seus pais jogam. Este resultado demonstra de forma clara a importância dos modelos parentais, nem sempre os mais adequados, que são transmitidos aos filhos, sendo que a prática de jogo nos adultos incentiva de certa forma a prática de jogo nos adolescentes. Esta constatação vai de encontro ao referido por Felsher, Derevensky & Gupta (2003), quando explicam que participação parental no jogo tende a ter consequências negativas nos filhos, pois a prática deste tipo de atividades pode incentivar o envolvimento dos adolescentes nestes comportamentos. Os resultados obtidos poderão causar algum grau de preocupação, na medida em que crianças/jovens cujo os pais têm comportamentos de jogo excessivo encontram-se em maior risco de virem a desenvolver também eles este tipo de comportamentos, o mesmo não acontece com crianças/jovens cujos pais não apresentam estes comportamentos (Griffiths, 2010).

Apesar do estudo ter tido uma limitação importante, que se prende com o número de pais/cuidadores e seus filhos, esta não permitiu conduzir outro tipo de análises dos dados, sendo que alguns itens foram construídos para efeito deste estudo e tendo em conta o número de itens das escalas de estilos e práticas não foi possível a realização de uma análise fatorial. Como recomendações para estudos futuros consideramos, particularmente importante aumentar o número de participantes.

Em termos gerais, considera-se que este trabalho tem um conjunto de implicações teóricas e práticas. Teóricas porque poderá contribuir para o conjunto de estudos que se têm debruçado sobre esta problemática ao procurar analisar que variáveis, sobretudo, parentais, se relacionam com comportamentos de jogo dos adolescentes. Por outro lado, dando expressão á convenção dos direitos das crianças de 1999, que refere a importância do seu superior interesse e de lhe ser dada a oportunidade de se expressar e poder ser ouvida. Também aqui foi ponderada esta questão, na medida em que os adolescentes foram questionados quanto à

sua percepção sobre os estilos e práticas parentais dos seus pais/cuidadores. Em termos práticos este tipo de pesquisas vem permitir refletir sobre que variáveis devem ser trabalhadas em intervenções preventivas, de cariz mais universal, tornando premente a continuação de medidas políticas que promovam estas ações.

### Referências Bibliográficas

- Abbott, M. W & Volberg, R. A. (1999). *Gambling and problem gambling in the community: a international overview and critique. Report number one of the New Zealand Gaming Survey*. Wellington: Department of Internal Affairs.
- Araújo, A. & Neto, F. (2014). A Nova Classificação Americana para os Transtornos Mentais – DSM V. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, XVI (1), 67 – 82.
- Bandura, A. (1977). *Social learning theories*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.
- Barber, B. K., Maughan, S. L., & Olsen, J. A. (2005). *Patterns of parenting across adolescence*. *New Directions for Child and Adolescent Development*, 108, 5–16.
- Baumrind, D. (1965). *Parental control and parental love*. *Children*, 12, 230-234.
- Baumrind, D. (1966). *Effects of authoritative parental control on child behavior*. *Child Development*, 37: 887-907.
- Baumrind, D. (1968). *Authoritarian vs. authoritative parental control*. *Adolescence*, 3: 255-272
- Baumrind, D. (1991). Effective parenting during the early adolescent transition. In P.A. Cowan & E. M. Hetherington (Eds.), *Advances in family research* (Vol. 2). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Belsky J. (2005). Social-contextual determinants of parenting. In: Tremblay RE, Barr RG, Peters RDeV, eds. *Encyclopedia on Early Childhood Development*. Montreal, Quebec: Centre of Excellence for Early Childhood Development; pp. 1-6.
- Browne, B. A. & Brown, D. J. (1994). *Predictores of lottery gambling among American college students*. *The journal of social psychology*, 134, 339-347.
- Bronfenbrenner, U. (2002). Preparing a World for the Infant in the Twenty- First Century: The Research Challenge. In Gomes-Pedro, J., Nugent, J., Young, J., & Brazelton, B. (Eds.), *The Infant and Family in the Twenty-First Century*. New York: Brunner-Routledge.
- Bugental, D. B., & Johnston, C. (2000). *Parental and child cognitions in the context of the family*. *Annual Review of Psychology*, 51, 315–344.
- Cabral, F. (2006). *A captura da subjetividade na guerra dos botões*. *Sociologia; Ciência & Vida*, 1 (2), 32-39.
- Calado, F., Alexandre, J. & Griffiths, M. (2014). Mom, Dad It’s Only a Game! Perceived gambling and gaming behaviors among adolescents and young adults: an exploratory study. *International Journal of Mental Health and Addiction*. DOI 10.1007/s11469-014-9509-y
- Carlton, P. L., & Manowitz, P. (1992). *Behavioral restraint and symptoms of attention deficit disorder in alcoholics and pathological gamblers*. *Neuropsychobiology*, 25, 44-48.
- Costa, J., & Matos, M. G. (2007). *Realidade virtual: lazer ou dependência*. *Psicologia actual*, 13, 63-65.
- Cowan, P. A., Cowan, C. P., & Schulz, M. S. (1996). Thinking about risk and resilience in families. In E. M. Hetherington & E. A. Blechman (Eds.), *Stress, coping, and resiliency in children and families* (pp.1-38). New Jersey: Lawrence. Erlbaum.

- Cruz, O. (2005). *Parentalidade*. Coimbra: Quarteto.
- Darling, N. & Steinberg, L. (1993). *Parenting Style as Context: An Integrative Model*. *Psychological Bulletin*, 113 (3): 487-496.
- Derevensky, J. & Gupta, R. (2000). *Prevalence estimates of adolescent gambling: A comparison of SOGS-RA, DSM-IV-J, and the GA 20 Questions*. *Journal of Gambling Studies*, 16 (2/3), 227 – 252.
- Dornbusch, S. M., Ritter, P. L., Leiderman, P. H., Roberts, D. E & Fraleigh, M. J. (1987). *The relation of parenting style to adolescent school performance*. *Child Development*, 58: 1244-1257
- Evans, G. W., & Cohen, S. (1987). Environmental stress. In D. Stokols, & I. Altman (Eds.), *Handbook of environmental psychology* (vol. 1, pp. 571-610). New York: Wiley.
- Erikson, E. H. (1972). *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Feldman, R., (1996) *Understanding Psychology*, McGraw-Hill, , p. 440.
- Ferreira, P., & Ribeiro, J. (2000). *Os jogos eletronicos na adolescência: Estudos das diferenças entre os sexos*. Dissertação, Mestrado em Psicologia, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.
- Fisher, S. (1993). *Gambling and pathological gambling in adolescents*. *Journal of gambling studies*, 9, 277-287.
- Gameiro, Martinho, Canavarro & Moura – Ramos. (2008). *Estudos psicométricos da escala de investimentos parental na criança*. *Psychologica*, 48, 77 – 99.
- Griffiths, M. D. (2003b) Adolescent gambling: Risk factors and implications for prevention, intervention, and treatment. In: Romer D (ed.) *Reducing adolescent risk: Toward an integrated approach*. London: Sage.
- Gupta, R. & Derevensky, J.L. (1997). *Familial and social influences on juvenil gambling behaviour*. *Jornal of gambling studies*, 13, 179-192.
- Gupta, R. & Derevensky, J. (1998). *Attitudes and Gambling Activities Questionnaire (AGAQ)*. Montreal. McGill University.
- Hardoon, K. & Derevensky, J. (2001). *Social influencias envolved in children´s gambling behavior*. *Journal of gambling studies*, 17(3), 191-215.
- Harter, S. (1993). Causes and consequences of low self-esteem in children and adolescents. In R. F. Baumeister (Ed.), *Self-esteem: The puzzle of low self-regard* (pp.87-196). New Yourk: Plenum.
- Hawley, D. R., & DeHann, L. (1996). *Toward a definition of family resilience: integrating life span and family perspectives*. *Family Process*, 35 (3), 283-298.
- Hoghugh, M. (2004) Parenting: an introduction. In M. Hoghugh & N. Long (Eds), *Handbook of parenting: theory and research for practice*. (pp. 1-18). London: Sag.
- Holden, G. W. (2010). *Parenting: a dynamic perspective*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Huizinga, J. (1999). *Homo Ludens: O jogo como elemento da cultura*. 5ª edição, São Paulo: Perspetiva.
- Jacobs, D.F (2004). Youth gambling in North America: Long term trends and future prospects. in: J. Derevensky & R. Gupta (Orgs.). *Gambling problems in youth:Theoretical and applied prespectives* (pp.1-24). New York: Klumer Academic/Plenum Publishers.

- Kane, M. (2005). *Contemporary issues in parenting*. New York: Nova Science Publishers.
- Karraker, K. H., & Coleman, P. K. (2005). The effects of child characteristics on parenting. In T. Luster & L. Okagaki (Eds.), *Parenting: An ecological perspective (2nd ed.)* (pp. 147-176). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Koller, S. H., & De Antoni, C. (2004). Violência familiar: uma visão ecológica. In S. H. Koller (Ed.), *Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil* (pp.293-310). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ladouseur, R., Dubé, D. & Bujold, A. (1994). *Gambling among primary school students*. Journal of gambling studies, 10, 363-370.
- Ladouseur, R., Jacques, C., Ferland, F. & Giroux, I. (1996). *Parents' perceptions, know ledge, and attitudes toward the gambling of children aged 5 to 17*. Poster presented at the Tenth National Conference on Gambling Behaviour, Chicago, IL.
- Loos, H., & Núñez Rodríguez, S. I. (2008). *El proceso de incorporación de creencias autorreferenciadas en adolescentes que han vivido em situación de vulnerabilidade social*. Investigación Educativa, 12 (22), 49-69.
- Lopes, H. (2009), *Epidemiologia da dependência do jogo a dinheiro em Portugal*. Misericórdia, Lisboa, Portugal. Apresentado no Congresso Alto Nível promovido pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa
- Lorda, C.R & Sanchez, C.D (2001). *Recreação na terceira idade*. 3º edição. Rio de Janeiro: Sprint.
- Lucas, K., & Sherry, J. L. (2004). *Sex differences in video game play: A communication-based explanation*. Communication Research, 31, 499-523.
- Maccoby, E. (2000). *Parenting and its effects on children: on reading and misreading behavior genetics*. Annual Review of Psychology, 51, 1-27.
- Maccoby, E. E. & Martin, J. (1983). Socialization in the context of the family: parent-child interaction. In Hetherington, E. M. (Ed.) & Mussen, P. H. (Series Ed.), *Handbook of child psychology, Vol. 4: Socialization, personality and social development* (pp. 1 – 101). New York: Wiley.
- Machado, E. J (2002). Atividade motora e qualidade de vida: uma abordagem desenvolvimentista. In: *Esporte e atividade física: interação entre rendimento e qualidade de vida*. Barbanti, V. J; Amadio, A. C & Bento, J. O. E. & Marques, A. T. (Orgs.) Barueri: Manole, p.113-27.
- Machado, M. (2007). *Família e Insucesso Escolar*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Porto.
- Monteiro, M., Ribeiro dos Santos, M. (2001). *Psicologia*. Porto Editora,
- Matos, M. G. (2008). A saúde do adolescente: O que se sabe e quais são os novos desafios. *Análise Psicológica*, XXVI (2), 251-263.
- Matos, M., Simões, S., Ferreira, M., Tomé, G., Camacho, I., Batista, I., & Diniz, J. (2008). *Gestão escolar, saúde e necessidades especiais*. In [www.fmh.utl.pt/aventurasocial](http://www.fmh.utl.pt/aventurasocial); [www.aventurasocial.com](http://www.aventurasocial.com).
- National Research Council (1999). *Pathological gambling: A critical review*. Washington, D.C.: National Academy Press.
- Oliveira, J. H. B. (1994). *Psicologia da Educação Familiar*. Coimbra: Almedina.

- Organização Mundial da Saúde (1965). *Problemas de la salud de la adolescencia. Informe de un comité de expertos de la O.M.S* (Informe técnico nº 308). Genebra
- Papalia, D.E., Olds, S.W., & Feldman, R.D. (2006). *Desenvolvimento humano*. 8ª Ed: Artmed.
- Petry, M. (2007). *Gambling and substance use disorders: Current Status and Future Directions*. American Journal on Addictions, 16, 1-9.
- Piaget, J. (1960). *The psychology of intelligence*, Pattarson: Littlefield Adams.
- Reader, P., Duncan, S., & Lucey, C. (2005). *Studies in the assessment of parenting*. Florence: Routledge.
- Rutter, M. (1985). *Resilience in the face of adversity: protective factors and resistance to psychiatric disorder*. British Journal of Psychiatry, 147 (6), 598-611.
- Rutter, M. (1987). Parental mental disorder as a psychiatric risk factor. In A. Hales, & A. Frances (Eds.). *American Psychiatric Association – Annual Review* (vol.6; pp.647 – 663). American Psychiatric Press, Inc. Washington, DC.
- Rutter, M. (1987). *Psychosocial resilience and protective mechanisms*. American Journal of Orthopsychiatry, 57 (3), 316-331.
- Salgueiro, E. (1990). *Breves reflexões sobre o narcisismo e o objecto estético na adolescência*. Revista portuguesa de Psicanálise, 8, 71-75.
- Santos, L. M. M. (2005). *O papel da família e dos pares na escolha profissional*. Psicologia em Estudo, 10, 57-66.
- Shaffer, H. J. & Hall, M. N. (2001). *Updating and refining prevalence estimates of disordered gambling behaviour in the United States and Canada*. Canadian Journal of Public Health, 92, 168-172.
- Simões, C. (2008). Resiliência e Saúde. In M. Matos (Ed). *Comunicação, gestão de conflitos e saúde na escola* (4ª Ed.; pp. 74-94). Lisboa: Edições CDI/FMH.
- Smetana, J. G., & Asquith, P. (1994). *Adolescents' and parents' conceptions of parental authority and adolescent autonomy*. Child Development, 65, 1147-1162.
- Sprinthall, N. e Collins, A., (1994) *Psicologia do Adolescente*, F. C. Gulbenkian,.
- Steinberg, L., Mounts, N. S., Lamborn, S. D. & Dornbusch, S. M. (1991). *Authoritative parenting and adolescent adjustment across varied ecological niches*. Journal of Research on Adolescence, 1: 19-36.
- Stefano, S. (2008). *Secound life: scienze della comunicazione e social learning, Competente nel ben-essere*. Alia Dies, Alia, Maio.
- Stinchfield, R., & Winters, K. C. (1998). *Gambling and problem gambling among youths (12-18)*. Annals of the American Academy of Political and Social Science, 556, 172-185.
- Tavares, H., Cordás, T.A., & Abreu, C. N. (Org). (2008). *Manual clinico dos transtornos do controlo dos impulsos*. 1 ed. Porto Alegre: ArtMed.
- Valadas, R. (2008). Os jovens e as novas dependências. In *Comportamentos de risco nos jovens*, Câmara Municipal de Silves, Março.
- Valsiner, J., Branco, A., & Dantas, C. (1997). Co-construction of human development: heterogeneity within parental belief orientations. In J. Grusec & L. Kuczynski (Eds.) *Parenting and children's internalization of values* (pp.283-306). New York: John Wiley & Sons, Inc.

- Villa, R., & Canal, A. (1998) *El juego patológico. Prevención, evaluación e tratamiento en la adolescencia*. Madrid: Ediciones Pirámide, S. A.
- Vitaro, F., Arseneault, L., & Tremblay, R. E. (1999). *Impulsivity predicts gambling in low SES adolescents males*. *Addiction*, 94, 565-575.
- Wood, R. T. A. & Griffiths, M. D. (1998) *The acquisition, development and maintenance of lottery and scratchcard gambling in adolescence*. *Journal of Adolescence* 21: 265-272.
- Wood, R. T. A. (2004) *Adolescent lottery and scratchcard players: do their attitudes influence their gambling behaviour?* *Journal of Adolescence*, 27: 467-75.
- [Www.sicad.pt](http://www.sicad.pt), consultado em Janeiro de 2014.
- Yunes, M. A. M. (2001). *A questão triplamente controvertida da resiliência em famílias de baixa renda*. Tese de doutorado não-publicada, Pós-Graduação em Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Yanovitzku, I. (2006). Sensation seeking and alcohol use by college students. Examining Multiple Pathways of effects. *Journal of health communication*, 11, 269-280.

## ANEXO A - Consentimento Informado

### Consentimento Informado

O jogo é atualmente uma das principais atividades em que os adolescentes se envolvem. Este é um tema que tem merecido cada vez mais destaque tanto ao nível da imprensa como da própria investigação científica.

O Centro de Investigação e Intervenção Social (CIS) do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, pretende efetuar um estudo que permita ajudar a perceber quais são as atitudes dos pais/cuidadores face a estes comportamentos de jogo dos seus filhos e também quais são as perceções dos filhos em relação às atitudes dos seus próprios pais. Este estudo enquadra-se numa Dissertação de Mestrado em Psicologia Comunitária e Proteção de Menores (ISCTE – IUL), que está a ser realizada pela mestranda Daniela Semanas, sob a orientação da Professora Doutora Joana Alexandre.

É neste sentido que solicitamos a vossa participação e a dos vossos filhos sendo que para tal pedimos que ambos preencham um questionário. O questionário dos adolescentes será adaptado à realidade dos mesmos. Note que não existem respostas certas nem erradas, apenas gostaríamos de conhecer a vossa opinião, pelo que lhes pedimos que respondam a todas as afirmações e que o façam da forma mais sincera e honesta possível. Se tiver mais do que um filho entre os 12 e os 18 anos, pedimos-lhe que responda pensando apenas em um deles. A vossa participação é voluntária e confidencial, pelo que lhes pedimos que não identifiquem o vosso questionário em parte nenhuma. Apenas pediremos um conjunto de informações gerais que nos permitam caracterizar os participantes da nossa amostra (ex., sexo, idade, habilitações). A duração média de aplicação do questionário é de 20 minutos.

Se aceitar participar queira, por favor, preencher a parte inferior desta página, uma vez que é importante termos o seu consentimento assinado (não precisa de colocar o nome; pode apenas rubricar).

Para qualquer esclarecimento adicional, ou para conhecer posteriormente os resultados deste estudo, por favor, queiram contactar:

- Daniela Semanas, Telemóvel: 965106828, Correio Eletrónico – [Danisemanas@gmail.com](mailto:Danisemanas@gmail.com)

- Joana Alexandre, Telemóvel: 918566400, Correio Eletrónico – [Joanacdalexandre@gmail.com](mailto:Joanacdalexandre@gmail.com)

Obrigada desde já pela sua colaboração! Sem ela este estudo não seria possível.

.....

Tive conhecimento do presente estudo, bem como da minha participação e da participação do meu filho serem voluntárias e anónimas, pelo que aceito a nossa participação.

Rubrica/assinatura: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_/\_\_\_/2014

Habilitações: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_ Sexo: \_\_\_\_\_

Idade \_\_\_\_\_ Nacionalidade \_\_\_\_\_

## ANEXO B - Questionário para Adolescentes

### Questionário para Adolescentes

Este questionário permite-nos conhecer a tua opinião sobre diferentes comportamentos ligados à adolescência e nomeadamente sobre comportamentos de jogo (ex: jogar jogos eletrónicos, jogos virtuais, raspadinhas). O questionário é constituído por 2 partes: na primeira parte pedimos-te alguma informação pessoal que nos servirá para fazer uma caracterização sociodemográfica dos participantes (ex. idade, sexo e habilitações/ano de escolaridade), ou seja, conhecer melhor os adolescentes que participaram neste estudo, e a sua opinião sobre alguns dos comportamentos que surgem, sobretudo, na adolescência. Na segunda parte encontras um conjunto de afirmações que os adolescentes costumam usar quando estão a falar dos seus pais/cuidadores e da sua dinâmica familiar, para os quais te pedimos, também, a tua opinião, não havendo respostas certas ou erradas.

Obrigada desde já pela tua colaboração! Sem ela este estudo não seria possível.

**Código** (coloca o código igual ao do teu pai/mãe ou cuidador): \_\_\_\_\_

#### I Parte

##### Informações Gerais dos adolescentes:

Sexo: F\_\_ M\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

Ano de escolaridade: \_\_\_\_\_

Qual a composição do teu agregado familiar? (descreve sem identificar concretamente cada um dos elementos (ex.: pai, mãe, irmãos, avós)

---

---

Tendo em conta a profissão atual dos teus pais/cuidadores, quantas horas por semana achas que conseguem passar juntos?

Durante a Semana (em média) \_\_\_\_\_

Durante o Fim-de-semana (em média) \_\_\_\_\_

Tendo em conta a tua resposta à pergunta anterior, independentemente do tempo que passam juntos, consideras que esse tempo é de (assinala com um X a opção que melhor corresponde à tua resposta):

|                   |                 |             |                  |               |
|-------------------|-----------------|-------------|------------------|---------------|
| Nenhuma qualidade | Pouca qualidade | Assim assim | Alguma qualidade | Com qualidade |
|-------------------|-----------------|-------------|------------------|---------------|

De seguida vais encontrar um conjunto de comportamentos que parecem surgir no início da adolescência. Identifica o **quão grave** consideras ser cada um deles, assinalando com um X a opção que melhor corresponde à tua resposta.

Ingerir Bebidas Alcoólicas

|             |             |               |       |             |
|-------------|-------------|---------------|-------|-------------|
| Não é grave | Pouco grave | Assim a Assim | Grave | Muito grave |
|-------------|-------------|---------------|-------|-------------|

Fumar Tabaco

|             |             |               |       |             |
|-------------|-------------|---------------|-------|-------------|
| Não é grave | Pouco grave | Assim a Assim | Grave | Muito grave |
|-------------|-------------|---------------|-------|-------------|

Fumar outras substâncias (ex., cannabis)

|             |             |               |       |             |
|-------------|-------------|---------------|-------|-------------|
| Não é grave | Pouco grave | Assim a Assim | Grave | Muito grave |
|-------------|-------------|---------------|-------|-------------|

Comportamentos de Jogo

|             |             |               |       |             |
|-------------|-------------|---------------|-------|-------------|
| Não é grave | Pouco grave | Assim a Assim | Grave | Muito grave |
|-------------|-------------|---------------|-------|-------------|

Práticas Sexuais

|             |             |               |       |             |
|-------------|-------------|---------------|-------|-------------|
| Não é grave | Pouco grave | Assim a Assim | Grave | Muito grave |
|-------------|-------------|---------------|-------|-------------|

Utilização de Redes Sociais

|             |             |               |       |             |
|-------------|-------------|---------------|-------|-------------|
| Não é grave | Pouco grave | Assim a Assim | Grave | Muito grave |
|-------------|-------------|---------------|-------|-------------|

Utilização da Internet

|             |             |               |       |             |
|-------------|-------------|---------------|-------|-------------|
| Não é grave | Pouco grave | Assim a Assim | Grave | Muito grave |
|-------------|-------------|---------------|-------|-------------|

**II Parte**

**De seguida vais encontrar um conjunto de afirmações que os adolescentes costumam usar quando estão a falar dos seus pais ou cuidadores e da sua dinâmica familiar. Para cada uma delas dá-nos a tua opinião, mais sincera e honesta, sendo que não há respostas certas nem erradas. Para tal basta assinalares com um **X** o algarismo que melhor se adequa ao que pensas e sentes em cada caso, sabendo que: 1= Nunca; 2 = Poucas vezes; 3 = Algumas vezes; 4 = Bastantes vezes; 5 = Sempre**

**Quando vires a palavra “progenitor” (i.e., pai ou mãe) ou cuidador, pensa na pessoa que também respondeu ao questionário:**

|   |   |   |   |   |   |
|---|---|---|---|---|---|
| 1. O meu progenitor/cuidador dá resposta aos meus sentimentos e necessidades  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 2. O meu progenitor/cuidador castiga-me fisicamente como forma de me disciplinar  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 3. O meu progenitor/cuidador toma em conta aquilo que eu quero ou desejo antes de me pedir para fazer algo                        | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 4. Quando pergunto ao meu progenitor/cuidador por que razão tenho que obedecer, o mesmo responde: “Porque eu digo” ou “Porque sou | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

|   |   |   |   |   |   |
|---|---|---|---|---|---|
| teu/tua pai/mãe (quem está responsável por ti) e quero que o faças”   |   |   |   |   |   |
| 5. O meu progenitor/cuidador explica-me como se sente quando eu me porto bem e quando me porto mal                    | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 6. O meu progenitor/cuidador dá-me uma palmada quando eu sou desobediente   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 7. O meu progenitor/cuidador incentiva-me a falar dos meus problemas  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 8. Honestamente, não cumpro ordens/pedidos do meu progenitor/cuidador   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 9. O meu progenitor/cuidador incentiva-me a expressar livremente, mesmo quando não estamos de acordo                  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 10. O meu progenitor/cuidador castiga-me retirando-me privilégios com poucas ou nenhuma explicações                   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 11. O meu progenitor/cuidador salienta as razões das regras que estabelece  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 12. Quando estou chateado(a) o meu progenitor/cuidador, dá-me apoio e consola-me                                      | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 13. O meu progenitor/cuidador grita ou fala alto quando me porto mal  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 14. O meu progenitor/cuidador elogia-me quando me comporto ou faço algo bem   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 15. Quando faço uma “birra” o meu progenitor/cuidador cede logo   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 16. O meu progenitor/cuidador enfurece-se comigo  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 17. São mais as vezes em que o meu progenitor/cuidador ameaça castigar-me do que aquelas em que realmente me castiga  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 18. O meu progenitor/cuidador toma em conta as minhas preferências quando faz planos familiares                       | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 19. Quando sou desobediente, o meu progenitor/cuidador agarra-me  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 20. O meu progenitor/cuidador dá-me castigos, mas depois realmente não os aplica                                      | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 21. O meu progenitor/cuidador demonstra respeito pelas minhas opiniões e incentiva-me para que as expresse            | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 22. O meu progenitor/cuidador permite que eu dê a minha opinião relativamente às regras familiares                    | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 23. O meu progenitor/cuidador acha que ralhando e criticando me faz ter um comportamento melhor                       | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 24. Honestamente, o meu progenitor/cuidador “estraga-me” com mimos  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 25. O meu progenitor/cuidador explica-me por que razões as regras devem ser obedecidas                                | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 26. O meu progenitor/cuidador usa ameaças como forma de castigo com poucas ou nenhuma justificações                   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 27. Tenho momentos especiais e calorosos com o meu progenitor/cuidador  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 28. O meu progenitor/cuidador castiga-me colocando-me algures sozinho(a) com poucas ou nenhuma explicações            | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 29. O meu progenitor/cuidador ajuda-me a perceber o resultado do meu comportamento incentivando-me a falar acerca das | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

|   |   |   |   |   |   |
|---|---|---|---|---|---|
| consequências das minhas acções   |   |   |   |   |   |
| 30. Sei que o meu progenitor/cuidador ralha e critica-me quando eu não correspondo às suas expectativas | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 31. O meu progenitor/cuidador explica-me as consequências do meu comportamento                          | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 32. O meu progenitor/cuidador dá-me uma palmada quando me porto mal                                     | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

**Vais encontrar de seguida uma lista de diferentes formas que os pais/cuidadores dizem usar para educar os seus filhos. Para cada uma delas responde, tendo em consideração o último ano:**

|  | Nunca Utiliza | Utiliza uma única vez | Utiliza pelo menos uma vez por mês | Utiliza mais do que uma vez por mês |
|--|---------------|-----------------------|------------------------------------|-------------------------------------|
| 1. Dar conselhos   |               |                       |                                    |                                     |
| 2. Mandar-me para o quarto, sem fechar a porta                                   |               |                       |                                    |                                     |
| 3. Elogiar-me quando me porto bem  |               |                       |                                    |                                     |
| 4. Explicar-me o que fiz mal   |               |                       |                                    |                                     |
| 5. Castigar-me retirando-me coisas de que gosto (ex. não o deixar ver televisão) |               |                       |                                    |                                     |

**Para cada uma das afirmações que se seguem, assinala com um X a coluna que melhor traduz o que se passa contigo**

|   | Nada | Pouco | Assim assim | Bastante | Muito |
|---|------|-------|-------------|----------|-------|
| 1. Até que ponto os teus pais <u>Tentam Saber</u> quem são os teus amigos               |      |       |             |          |       |
| 2. Até que ponto os teus pais <u>Tentam Saber</u> o que fazes quando saís de casa       |      |       |             |          |       |
| 3. Até que ponto os teus pais <u>Tentam Saber</u> o que fazes nos teus tempos livres    |      |       |             |          |       |
| 4. Até que ponto os teus pais <u>Tentam Saber</u> onde estas depois da escola           |      |       |             |          |       |
| 5. Até que ponto os teus pais <u>Tentam Saber</u> como gastas o teu dinheiro            |      |       |             |          |       |
| 6. Até que ponto os teus pais <u>Realmente Sabem</u> quem são os teus amigos            |      |       |             |          |       |
| 7. Até que ponto os teus pais <u>Realmente Sabem</u> onde vais quando saís de casa      |      |       |             |          |       |
| 8. Até que ponto os teus pais <u>Realmente Sabem</u> o que fazes nos teus tempos livres |      |       |             |          |       |
| 9. Até que ponto os teus pais <u>Realmente Sabem</u> onde estás depois da escola        |      |       |             |          |       |
| 10. Até que ponto os teus pais <u>Realmente Sabem</u> como gastas o teu dinheiro        |      |       |             |          |       |

**Para cada uma das afirmações que se seguem, assinala com um X a coluna que melhor traduz o que se passa contigo**

|  | Discordo totalmente | Não Concordo | Nem concordo nem discordo | Concordo | Concordo Totalmente |
|--|---------------------|--------------|---------------------------|----------|---------------------|
| 1. Posso contar com os meus pais/cuidadores para me ajudar se eu tiver algum problema  |                     |              |                           |          |                     |
| 2. Os meus pais/cuidadores exigem que eu dê o meu melhor em qualquer coisa que eu faça |                     |              |                           |          |                     |
| 3. Os meus pais/cuidadores exigem que eu pense pela minha própria cabeça               |                     |              |                           |          |                     |

|  |  |  |  |  |  |
|--|--|--|--|--|--|
| 4. Os meus pais/cuidadores ajudam-me nos trabalhos de casa se houver algo que eu não entenda |  |  |  |  |  |
| 5. Quando os meus pais/cuidadores querem que eu faça alguma coisa, explicam-me porquê        |  |  |  |  |  |

**Em relação ao jogo...**

|  | Discordo totalmente | Não Concordo | Nem concordo nem discordo | Concordo | Concordo Totalmente |
|--|---------------------|--------------|---------------------------|----------|---------------------|
| 1. Jogar faz com que eu seja valorizado pelos meus colegas   |                     |              |                           |          |                     |
| 2. Jogar é uma boa forma de conseguir ter mais amigos.   |                     |              |                           |          |                     |
| 3. Jogar ajuda a desenvolver um conjunto de capacidades pessoais (ex., atenção, rapidez)                   |                     |              |                           |          |                     |
| 4. Jogar tem mais desvantagens do que vantagens  |                     |              |                           |          |                     |
| 5. O facto do meu progenitor/cuidador jogar (jogos eletrónicos ou a dinheiro)também me fez começar a jogar |                     |              |                           |          |                     |

**Responde assinalando com um X a coluna que melhor se adequa a ti**

|  | Nunca | Uma vez por semana | Mais do que 1 vez por semana | Todos os dias |
|--|-------|--------------------|------------------------------|---------------|
| 1. Com que frequência jogas a dinheiro?  |       |                    |                              |               |
| 2. Com que frequência os teus pais/cuidadores jogam a dinheiro?                                |       |                    |                              |               |
| 3. Com que frequência jogas por entretenimento (ex., computador, telemóvel, playstation, etc)? |       |                    |                              |               |

Quando jogar se torna um risco

|  |  |  |  |  |
|--|--|--|--|--|
| 4. Com que frequência os teus pais/cuidadores jogam por entretenimento (ex., computador, telemóvel, playstation, etc)? |  |  |  |  |
|--|--|--|--|--|

**Muito Obrigada pela tua participação!**

## ANEXO C – Questionário para Pais/Cuidadores

### Questionário para Pais/Cuidadores

Este questionário permite-nos conhecer a sua opinião sobre diferentes comportamentos ligados à adolescência e nomeadamente sobre comportamentos de jogo (ex: jogar jogos eletrónicos, jogos virtuais, rapsadinhas). O questionário é constituído por 2 partes: na primeira parte pedimos-lhe alguma informação pessoal que nos servirá para fazer uma caracterização sociodemográfica dos participantes (ex. idade, sexo e habilitações), ou seja, conhecer melhor os pais/cuidadores que participaram neste estudo, e a sua opinião sobre alguns dos comportamentos que surgem sobretudo na adolescência. Na segunda parte encontra um conjunto de afirmações que os pais costumam usar quando estão a falar dos seus filhos e da sua dinâmica familiar para os quais lhe pedimos, também, a sua opinião, não havendo respostas certas ou erradas.

Obrigada desde já pela sua colaboração! Sem ela este estudo não seria possível.

**Código** (coloque um código que possa recordar e dar ao seu filho) : \_\_\_\_\_

**Na eventualidade de ter mais do que um filho entre a faixa etária dos 12 aos 17 anos, para preenchimento deste questionário, pense apenas em um. Assim, diga-nos qual a idade e sexo do seu filho/a em quem está a pensar em concreto aquando do preenchimento deste questionário:**

Idade \_\_\_\_\_ Sexo \_\_\_\_\_ Escola que frequenta: Pública \_\_\_\_\_ Privada \_\_\_\_\_ Ano: \_\_\_\_\_

### I Parte

#### Informações Gerais dos pais/cuidadores:

Sexo: F\_\_ M\_\_ Idade: \_\_\_\_\_ Grau de parentesco: \_\_\_\_\_

Habilitações literárias: \_\_\_\_\_

Estado civil: \_\_\_\_\_

Qual a composição do seu agregado familiar? (descreva sem identificar concretamente cada um dos elementos (ex.: marido, mulher, filhos, pais, enteados)

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Tendo em conta a sua profissão atual, quantas horas por semana acha que consegue passar com o seu filho?

Durante a Semana (em média) \_\_\_\_\_

Durante o Fim-de-semana (em média) \_\_\_\_\_

Tendo em conta a sua resposta à pergunta anterior, independentemente do tempo que passam juntos, considera que esse tempo é de (assinale com um X a opção que melhor corresponde a sua à sua resposta):

|                   |                 |             |                  |               |
|-------------------|-----------------|-------------|------------------|---------------|
| Nenhuma qualidade | Pouca qualidade | Assim assim | Alguma qualidade | Com qualidade |
|-------------------|-----------------|-------------|------------------|---------------|

De seguida vai encontrar um conjunto de comportamentos que parecem surgir no início da adolescência. Identifique o quão grave considera ser cada um deles, assinalando com um X a opção que melhor corresponde à sua resposta.

Ingerir Bebidas Alcoólicas

|             |             |               |       |             |
|-------------|-------------|---------------|-------|-------------|
| Não é grave | Pouco grave | Assim a Assim | Grave | Muito grave |
|-------------|-------------|---------------|-------|-------------|

Fumar Tabaco

|             |             |               |       |             |
|-------------|-------------|---------------|-------|-------------|
| Não é grave | Pouco grave | Assim a Assim | Grave | Muito grave |
|-------------|-------------|---------------|-------|-------------|

Fumar outras substâncias (ex., cannabis)

|             |             |               |       |             |
|-------------|-------------|---------------|-------|-------------|
| Não é grave | Pouco grave | Assim a Assim | Grave | Muito grave |
|-------------|-------------|---------------|-------|-------------|

Comportamentos de Jogo

|             |             |               |       |             |
|-------------|-------------|---------------|-------|-------------|
| Não é grave | Pouco grave | Assim a Assim | Grave | Muito grave |
|-------------|-------------|---------------|-------|-------------|

Práticas Sexuais

|             |             |               |       |             |
|-------------|-------------|---------------|-------|-------------|
| Não é grave | Pouco grave | Assim a Assim | Grave | Muito grave |
|-------------|-------------|---------------|-------|-------------|

Utilização de Redes Sociais

|             |             |               |       |             |
|-------------|-------------|---------------|-------|-------------|
| Não é grave | Pouco grave | Assim a Assim | Grave | Muito grave |
|-------------|-------------|---------------|-------|-------------|

Utilização da Internet

|             |             |               |       |             |
|-------------|-------------|---------------|-------|-------------|
| Não é grave | Pouco grave | Assim a Assim | Grave | Muito grave |
|-------------|-------------|---------------|-------|-------------|

## II Parte

De seguida vai encontrar um conjunto de afirmações que os pais costumam usar quando estão a falar dos seus filhos e da sua dinâmica familiar. Para cada uma delas dê-nos a sua opinião, mais sincera e honesta, sendo que não há respostas certas nem erradas. Para tal basta assinalar com um X o algarismo que melhor se adequa ao que pensa e sente em cada caso, sabendo que: 1= Nunca; 2 = Poucas vezes; 3 = Algumas vezes; 4 = Bastantes vezes; 5 = Sempre

|   |   |   |   |   |   |
|---|---|---|---|---|---|
| 1. Dou resposta aos sentimentos e necessidades do(a) meu/minha filho(a)   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 2. Castigo fisicamente o(a) meu/minha filho(a) como forma de o(a) disciplinar   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 3. Tomo em conta o que o(a) meu/minha filho(a) quer ou deseja antes de lhe pedir para fazer algo  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 4. Quando o(a) meu/minha filho(a) pergunta por que razão tem que obedecer, respondo: "Porque eu digo" ou "Porque sou teu/tua pai/mãe e quero que o faças" | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 5. Explico ao (à) meu/minha filho(a) como me sinto quando se porta bem e quando se porta mal  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 6. Dou uma palmada ao(à) meu/minha filho(a) quando ele(a) é desobediente  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 7. Incentivo o(a) meu/minha filho(a) a falar dos seus problemas   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 8. Acho difícil disciplinar o(a) meu/minha filho(a)   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 9. Incentivo o(a) meu/minha filho(a) a expressar-se livremente, mesmo quando não está de acordo comigo  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 10. Castigo o(a) meu/minha filho(a) retirando-lhe privilégios com poucas ou nenhuma explicações   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 11. Saliento as razões das regras que estabeleço  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 12. Quando o(a) meu/minha filho(a) está chateado(a), dou-lhe apoio e consolo  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 13. Grito ou falo alto quando o(a) meu/minha filho(a) se porta mal  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 14. Elogio o(a) meu/minha filho(a) quando se comporta ou faz algo bem   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 15. Cedo ao(à) meu/minha filho(a) quando faz uma birra por qualquer coisa   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 16. Enfureço-me com o(a) meu/minha filho(a)   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 17. São mais as vezes em que ameaço castigar o(a) meu/minha filho(a) do que aquelas em que realmente o(a) castigo   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 18. Tomo em conta as preferências do(a) meu/minha filho(a) quando faço planos familiares  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 19. Agarro o(a) meu/minha filho(a) quando ele(a) é desobediente   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 20. Dito castigos ao(à) meu/minha filho(a) mas realmente não os aplico  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 21. Demonstro respeito pelas opiniões do(a) meu/minha filho(a) incentivando que as expresse   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 22. Permito que o(a) meu/minha filho(a) dê a sua opinião relativamente às regras familiares   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 23. Ralho e crítico para fazer o(a) meu/minha filho(a) melhorar   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 24. Estrago o(a) meu /minha filho(a) com mimos  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 25. Explico ao(à) meu/minha filho(a) por que razões as regras devem ser obedecidas  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 26. Uso ameaças como forma de castigo com poucas ou nenhuma justificações   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

|   |   |   |   |   |   |
|---|---|---|---|---|---|
| 27. Tenho momentos especiais e calorosos com o(a) meu/minha filho(a)  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 28. Castigo o(a) meu/minha filho(a) colocando-o(a) algures sozinho(a) com poucas ou nenhuma explicação  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 29. Ajudo o(a) meu/minha filho(a) a perceber o resultado do seu comportamento incentivando-o(a) a falar acerca das consequências das suas ações | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 30. Ralho e crítico quando o comportamento do(a) meu/minha filho(a) não corresponde às minhas expectativas                                      | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 31. Explico ao (à) meu/minha filho(a) as consequências do seu comportamento   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 32. Dou uma palmada no(a) meu/ minha filho(a) quando se porta mal   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

Vai encontrar de seguida uma lista de diferentes formas que os pais dizem usar para educar os seus filhos. Para cada uma delas responde, tendo em consideração o último ano:

|  | Nunca Usei | Usei uma única vez | Usei pelo menos uma vez por mês | Usei mais do que uma vez por mês |
|--|------------|--------------------|---------------------------------|----------------------------------|
| 1. Dar conselhos   |            |                    |                                 |                                  |
| 2. Mandar o adolescente para o quarto, sem fechar a porta                                    |            |                    |                                 |                                  |
| 3. Elogiar o adolescente quando se porta bem   |            |                    |                                 |                                  |
| 4. Explicar ao adolescente o que fez mal   |            |                    |                                 |                                  |
| 5. Castigar o adolescente retirando-lhe coisas de que gosta (ex. não o deixar ver televisão) |            |                    |                                 |                                  |

Responda assinalando com um X a coluna que melhor se adequa a si:

|   | Nada | Pouco | Assim assim | Bastante | Muito |
|---|------|-------|-------------|----------|-------|
| 1. Até que ponto tenta saber quem são os amigos do(a) seu/sua filho(a)              |      |       |             |          |       |
| 2. Até que ponto tenta saber o que o(a) seu/sua filho(a) faz quando sai de casa     |      |       |             |          |       |
| 3. Até que ponto tenta saber o que o(a) seu/sua filho(a) faz nos seus tempos livres |      |       |             |          |       |
| 4. Até que ponto tenta saber onde está o(a) seu/sua filho(a) depois da escola       |      |       |             |          |       |
| 5. Até que ponto tenta saber como o(a) seu/sua filho(a) gasta o seu dinheiro        |      |       |             |          |       |

Responda assinalando com um X a coluna que melhor se adequa a si:

Quando jogar se torna um risco

|   | Discordo totalmente | Não Concordo | Nem concordo nem discordo | Concordo | Concordo Totalmente |
|---|---------------------|--------------|---------------------------|----------|---------------------|
| 1.O(A) meu/minha filho(a) sabe que pode contar comigo para o ajudar quando tem um problema                                  |                     |              |                           |          |                     |
| 2.Procuro exigir ao meu/minha filho(a) que dê o seu melhor em tudo o que faz  |                     |              |                           |          |                     |
| 3.Tento exigir ao meu/minha filho(a) que pense pela sua própria cabeça  |                     |              |                           |          |                     |
| 4.Ajudo o(a) meu/minha filho(a) nos trabalhos de casa se houver algo que ele/ela não entenda                                |                     |              |                           |          |                     |
| 5.Quando quero que o(a) meu/minha filho(a) faça algo, explico-lhe o porquê  |                     |              |                           |          |                     |
| 6. Acho importante os pais falarem habitualmente com os filhos sobre os comportamentos de risco que existem na adolescência |                     |              |                           |          |                     |
| 7. Atualmente os jovens dependem de muitas horas a jogar o que impossibilita comportamentos de socialização                 |                     |              |                           |          |                     |
| 8. Os pais devem definir limites quanto ao número de horas que os seus filhos podem jogar                                   |                     |              |                           |          |                     |
| 9. Um grande impacto dos comportamentos de jogo nos adolescentes é o facto de se tornarem isolados do mundo que os rodeia   |                     |              |                           |          |                     |
| 10. Na minha opinião hábitos regulares de jogo sem vigilância de um adulto podem conduzir a comportamentos de risco         |                     |              |                           |          |                     |
| 11. O jogo pode ser uma boa maneira de aliviar o tédio  |                     |              |                           |          |                     |

Responda assinalando com um X a coluna que melhor se adequa a si:

Quando jogar se torna um risco

|  | Nunca | Uma vez por semana | Mais do que 1 vez por semana | Todos os dias |
|--|-------|--------------------|------------------------------|---------------|
| Com que frequência joga a dinheiro?  |       |                    |                              |               |
| Com que frequência o seu companheiro/a joga a dinheiro?  |       |                    |                              |               |
| Com que frequência joga por entretenimento (ex., computador, telemóvel, playstation, etc)?                     |       |                    |                              |               |
| Com que frequência o seu companheiro/a joga por entretenimento (ex., computador, telemóvel, playstation, etc)? |       |                    |                              |               |

**Muito obrigado pela sua participação!**